



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO



PALOMA APARECIDA MACHADO DE SOUSA

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER:
a presença feminina no telejornalismo picoense

PICOS – PI,
2025

PALOMA APARECIDA MACHADO DE SOUSA

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE:
a presença feminina no telejornalismo picoense

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, pela
Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da
Prof. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira

PALOMA APARECIDA MACHADO DE SOUSA

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE:
a presença feminina no telejornalismo picoense

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, pela
Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da
Prof. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira

Aprovado em ____/____/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira (orientadora)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dra. Jaqueline da Silva Torres Cardoso (examinadora)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Ma. Ruthy Manuella de Brito (examinadora)
Universidade Estadual do Piauí

PICOS – PI,
2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus por me dar a força e a sabedoria necessária para chegar à conclusão deste ciclo da minha trajetória. Mesmo pensando em desistir, ele me deu motivos para prosseguir.

Agradeço também ao meu companheiro Cássio, que desde sempre me incentivou a começar e permanecer na graduação, reforçando, constantemente, que eu era capaz e conseguiria. Ele sempre buscou soluções em meio às dificuldades e esteve ao meu lado durante todos esses anos, dando todo o suporte que eu precisava.

Agradeço aos meus pais, Jaqueline (in memoriam) e Rogério, por nunca medirem esforços para me ajudar. Vocês sempre serão minha inspiração, meus exemplos de força e coragem. Aos meus irmãos, Yasmim e Norberto, mesmo sem saber, vocês me deram o gás que eu precisava para chegar até aqui.

Agradeço aos meus sogros, Vitória e Pedro, que também me ajudaram nessa caminhada.

Agradeço aos meus professores, que sempre nos ensinaram com maestria, tiveram paciência e sempre buscaram nos entender. Em especial, à minha orientadora Thamyres, que foi parte essencial nessa trajetória, acreditou em mim quando eu mesma não acreditei, me entendeu, sempre me guiou pelo caminho certo, enxergou minhas limitações e me fez enfrentá-las.

E agradeço aos meus colegas de turma por toda ajuda, pelas conversas, jogos no DCE, momentos de comilança, choros, risadas e até desavenças. Com vocês a caminhada, de certa forma, se tornou mais leve.

Muito obrigada a todos que contribuíram nessa jornada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral, compreender a presença da mulher jornalista no telejornalismo de Picos, considerando as trajetórias, desafios, contribuições e conquistas. Já os objetivos específicos que norteiam essa pesquisa são, comparar, de forma qualitativa, a presença de mulheres em diferentes papéis do telejornalismo nas emissoras picoenses, TV Picos e TV Cidade Verde Picos; compreender como estas mulheres jornalistas conciliam carreiras no telejornalismo, demandas e desafios da vida pessoal; examinar como as jornalistas de Picos percebem e lidam com questões relacionadas a estereótipos de gênero no ambiente de trabalho e levantar conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense. A pesquisa parte da contextualização histórica da luta feminina por igualdade de gênero, destacando os avanços obtidos e a inserção das mulheres em áreas como jornalismo esportivo, político e telejornalismo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores como Severino (2013) e Lakatos e Marconi (2007). Com técnica de análise, utilizamos análise de conteúdo temática ancorada em Bardin (2016). A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com base em Duarte (2011). Foram ouvidas seis jornalistas que atuam nas emissoras locais Tv Picos e Tv Cidade Verde Picos. A pesquisa revelou que, embora as mulheres jornalistas em Picos tenham conquistado maior visibilidade, autonomia e ocupam diversos cargos no telejornalismo, ainda enfrentam desafios como silenciamento sutil, acúmulo de funções e desigualdade em cargos de liderança. Ao mesmo tempo, suas contribuições têm ampliado a representatividade e colaborado para a construção de um jornalismo mais inclusivo.

Palavras - chaves: Mulheres jornalistas. Telejornalismo local. Gênero e mídia. Representatividade feminina. Picos – PI.

ABSTRACT

This study aims to understand the presence of female journalists in television journalism in Picos, considering their trajectories, challenges, contributions, and achievements. The specific objectives are: to qualitatively compare the presence of women in different roles within television journalism at the local stations TV Picos and TV Cidade Verde Picos; to understand how these women reconcile their careers in television journalism with the demands and challenges of their personal lives; to examine how female journalists in Picos perceive and deal with issues related to gender stereotypes in the workplace; and to identify the achievements and contributions of women in local television journalism. The research begins with the historical contextualization of the female struggle for gender equality, highlighting the progress achieved and the inclusion of women in areas such as sports journalism, political reporting, and television journalism. This is a qualitative and bibliographic study, based on authors such as Severino (2013) and Lakatos and Marconi (2007). Thematic content analysis, as proposed by Bardin (2016), was used as the analytical technique. For data collection, semi-structured interviews were conducted based on Duarte (2011). Six female journalists working at the local stations TV Picos and TV Cidade Verde Picos were interviewed. The study revealed that, although these women have gained greater visibility and autonomy and occupy various roles in television journalism, they still face challenges such as subtle silencing, work overload, and unequal access to leadership positions. At the same time, their contributions have expanded representation and contributed to building a more inclusive journalism.

Keywords: Women journalists. Local television journalism. Gender and media. Female representation. Picos – PI.

LISTA DE SIGLAS

AM – Amplitude Modulada

COVID-19 – Doença por Coronavírus de 2019

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas

FM – Frequência Modulada

GC – Gerador de Caracteres

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

JN – Jornal Nacional

LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outros

RSF – Repórteres Sem Fronteiras

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

TV – Televisão

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Passeata do dia da Mulher no Rio na década de 1980: Feminismo ganhou força com o fim da ditadura.....	17
Figura 2: Primeira apresentadora fixa do JN.....	27
Figura 3: Lillian Witte Fibe.....	35
Figura 4: Por quem foram cometidas essas violências?.....	48
Figura 5: Cristina Ranzolin 1993 - 1996.....	51
Figura 6: Looks das jornalistas picoenses.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As mulheres jornalistas e seus cargos, profissionais da Tv Cidade Verde e Tv Picos.....	21
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alunos de Jornalismo matriculados na UESPI - Picos período 2024.2.....	19
---	-----------

SUMÁRIO

Introdução.....	12
2. MULHERES NA TELINHA: a presença feminina no trabalho telejornalístico... 17	
3. “MINHA VOZ USO PARA DIZER O QUE SE CALA”: carreira, demandas e desafios da mulher jornalista.....	30
4. NO MEU LUGAR: conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense.....	41
Considerações.....	56
Referências.....	59
Apêndice.....	64
Apêndice A – Questionário das entrevistas.....	64
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	65

Introdução

A cultura patriarcal, por séculos, restringiu as mulheres a papéis secundários na sociedade e no trabalho. No Brasil, esse cenário começou a ser transformado com a organização de movimentos feministas, que tiveram papel fundamental na conquista de direitos e no questionamento das estruturas de poder. Um marco dessa trajetória foi a Constituição de 1988, que incorporou pautas femininas essenciais, como a igualdade de direitos no trabalho e no âmbito familiar (Carneiro, 2003). A inserção das mulheres em profissões historicamente masculinas, como o jornalismo, é emblemática neste processo, mas, por muito tempo, a atuação feminina no jornalismo foi restrita, especialmente em áreas consideradas “masculinas”, como a editoria esportiva.

A figura feminina sempre desempenhou um papel importante na nossa sociedade, seu papel no jornalismo mostra que as lutas sociais por igualdade, ao longo dos anos, surtem efeito quando elas estão presentes em locais que eram considerados predominantemente masculinos. Em um cenário geral, segundo Mick, et al.(2021), no relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro, as mulheres são 58% das profissionais no mercado de trabalho jornalístico. A imersão da mulher nesses meios foi um processo de muita luta e resistência. Consequentemente, no telejornalismo e em todos os outros campos do jornalismo a mulher demorou para chegar, principalmente em cargos como chefia e âncoras de telejornal, com o passar das décadas elas foram ganhando espaço e tornaram-se símbolos de representatividades para outras.

No telejornalismo, em particular, os desafios se intensificam por conta da visibilidade que o meio televisivo proporciona. As telejornalistas, além de desempenharem suas funções jornalísticas, frequentemente enfrentam pressões relacionadas à aparência física e à postura comportamental, refletindo padrões estéticos impostos pela sociedade. A imagem da jornalista é, muitas vezes, associada a ideais de beleza e simpatia, o que reforça estereótipos e pode obscurecer sua competência profissional. Este cenário, embora menos pronunciado nos dias de hoje, ainda gera discussões sobre a dificuldade das mulheres em serem reconhecidas apenas por seu trabalho, independentemente de características físicas.

As jornalistas quebraram barreiras de preconceitos e ainda permanecem avançando no jornalismo tanto quanto o futebol eram meios dominados por homens e hoje, conforme Frozza (2008) , temos presença da mulher em ambos os meios, desenvolvendo seus trabalhos com grande dedicação. A apresentadora Renata Fan, por exemplo, ilustra bem esta fusão entre jornalismo e futebol e é um dos nomes de apresentadoras de programa esportivos.

Atualmente, ela comanda o programa Jogo Aberto, na Rede Bandeirantes de Televisão (Band), desde 2007. Categorias assim mostram que as mulheres estão conquistando seu espaço e podem estar onde quiserem.

A luta por igualdade de gênero e representatividade nas redações jornalísticas reflete um movimento mais amplo em direção à equidade no mercado de trabalho e na mídia, pois, por muito tempo, a mulher teve que ser masculinizada para crescer nos espaços de trabalho. Silva (2019) aponta dois pontos que devem ser levados em consideração quando falamos sobre gênero:

[...] o primeiro, diz respeito à atribuição de atuações diferenciadas para homens e mulheres; e o segundo, refere-se a uma situação antiga de discriminação feminina, que ainda se mantém ativa em diversas partes do mundo, em diferentes contextos políticos, econômicos, sociais e culturais (Silva, 2019, p. 54).

As pontuações da autora reforçam as diferenças atribuídas ao gêneros, observando que, por meio de uma herança social de patriarcado, a figura feminina teve e mantém uma luta ativa para desmistificar os estereótipos e a objetificação que foi atrelada ao gênero. A inserção da mulher no mercado jornalístico foi lenta, mas perdura até hoje.

Enquanto o panorama nacional traz uma visão ampla dos avanços e retrocessos, é essencial analisar como essas questões se manifestam em cenários específicos. No contexto local de Picos, no Piauí, as trajetórias de mulheres jornalistas revelam nuances que vão além das estatísticas nacionais. Vendo que, apesar de um cenário de luta coletivo, cada uma tem suas experiências particulares. É nesse cenário que busco respostas para o seguinte problema: Quais os principais desafios enfrentados pelas mulheres em sua trajetória no telejornalismo picoense?

Partindo dessa problemática, temos como objetivo geral, compreender a presença da mulher jornalista no telejornalismo de Picos, considerando as trajetórias, desafios, contribuições e conquistas. Já os objetivos específicos que norteiam essa pesquisa são, comparar, de forma qualitativa, a presença de mulheres em diferentes papéis do telejornalismo nas emissoras picoenses, TV Picos e TV Cidade Verde Picos; compreender como estas mulheres jornalistas conciliam carreiras no telejornalismo, demandas e desafios da vida pessoal; examinar como as jornalistas de Picos percebem e lidam com questões relacionadas a estereótipos de gênero no ambiente de trabalho e levantar conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense.

A escolha dessa pesquisa se deu por gosto pessoal. Desde criança, eu (Paloma)¹ sempre admirei mulheres ocupando cargos de destaque em espaços tradicionalmente

¹ A primeira pessoa do singular será usada apenas na introdução e se refere às experiências de Paloma.

masculinos, especialmente no telejornalismo. Ao ingressar no curso de jornalismo, este interesse se intensificou, pois percebi a importância de dar visibilidade a outras mulheres. Durante a disciplina de História do Jornalismo, decidi aprofundar meu interesse em pesquisar a presença feminina na área, especialmente no contexto local de Picos, considerando suas especificidades.

A temática é importante para a academia e para a comunicação não apenas por destacar a atuação das mulheres e promover a igualdade de gênero, mas também por contribuir academicamente ao explorar as dinâmicas locais do telejornalismo. Isso permite ampliar a compreensão sobre como questões de gênero impactam a atuação profissional em diferentes realidades, ajudando a desconstruir estereótipos, fomentar representatividade e enriquecer o debate sobre diversidade na mídia.

A metodologia é utilizada para embasar e validar tal pesquisa e para apresentar o caminho que foi escolhido para chegar aos resultados. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com base em Severino (2013) que aponta a pesquisa bibliográfica como a busca em registros disponíveis, resultados de pesquisas anteriores sobre determinado tema, fazendo-se presente em documentos impressos, livros, artigos, teses etc. Buscamos Casadei (2011), Leite (2016), Stawski (2015), Lippmann (2008), entre outros para compreender como se deu o início da mulher no jornalismo e sua imersão no telejornalismo, apontando as dificuldades e barreiras impostas no começo da carreira da mulher jornalista. A pesquisa também é uma pesquisa qualitativa, conforme Lakatos e Marconi (2007), pois a mesma é focada em análise e interpretações mais profundas, em que a preocupação vai além de estatísticas, visando as complexidades das interações sociais, como hábitos, comportamentos e outros.

A pesquisa, possui ainda caráter teórico-analítico, o método foi escolhido porque permite relacionar conceitos e referências com as experiências das jornalistas entrevistadas, aprofundando a compreensão sobre as temáticas centrais da pesquisa e nos permitindo conhecer as peculiaridades da mulher no telejornalismo picoense à luz das teorias e considerando o contexto nacional e local.

Como técnica de coleta de dados, utilizamos as entrevistas semiabertas e com questões semiestruturadas. Para Duarte (2011), esse modelo possui um roteiro de questões que servem como guia para sanar os questionamentos do tema de interesse, o autor ainda coloca como um modelo de profundidade e flexibilidade, em que o pesquisador pode explorar ao máximo até levar ao esgotamento da questão. Participaram desta pesquisa seis (6) jornalistas que atuam no telejornalismo picoense. Chegamos a esse número de jornalistas após a realização de uma coleta de nomes das profissionais em cada emissora e os cargos que estas ocupam, ao optar

por um número de seis, buscamos uma amostra ampla o suficiente para refletir as diferentes vivências no telejornalismo. Os critérios de escolha foram cargos, tempo de serviço no mercado jornalístico e representatividade. As entrevistadas atendem pelos nomes fictícios Ana, Cláudia, Fernanda, Juliana, Maria e Patrícia. Buscamos não identificá-las nas entrevistas a fim de preservá-las e para garantir o rigor ético à pesquisa. As participantes foram informadas destas condições e assinaram um termo de consentimento que explicava tema, objetivos e as condições de participação na pesquisa.

Essa abordagem está em consonância com a Resolução nº510/2016 do Conselho Nacional da Saúde, que enfatiza a importância do respeito à ética profissional e dignidade das pessoas envolvidas na pesquisa.

Como técnica de análise, utilizamos da análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016). Podemos entender que análise de conteúdo temática é uma abordagem que permite interpretar e decodificar significados dentro de uma comunicação. Bardin (2016) enfatiza que qualquer forma de comunicação pode ser analisada. A partir dessa consideração a análise permitiu encontrar temas como **carreira, demandas, desafios, conquistas, e contribuições da mulher jornalista nas falas das entrevistadas**, sendo possível utilizar essas informações para categorizar o que seria de interesse para a pesquisa. Essa metodologia contribuiu para a organização dos dados. As categorias e temáticas foram escolhidas a partir dos objetivos e considerando os resultados obtidos na pesquisa de campo, na qual um primeiro contato com as entrevistas permitiu tal categorização.

A estrutura desta pesquisa se deu da seguinte forma: inicialmente, é abordada a inserção da mulher no jornalismo e no mercado de trabalho com foco na vertente histórica do telejornalismo. O estudo destaca a constante presença de mulheres em cursos de jornalismo e apresenta uma comparação qualitativa com o cenário picoense. O capítulo seguinte apresenta discussões sobre estereótipos e representatividade feminina, as experiências e particularidades da carreira das mulheres no telejornalismo em Picos, Piauí, com ênfase nas demandas, desafios e conquistas que essas profissionais enfrentam no mercado. O último capítulo trata sobre as conquistas e contribuições da mulher no meio telejornalístico, com levantamentos a nível nacional e picoense. Dentro desse contexto, abordamos temas como a conquista e contribuição da mulher a frente de direções jornalísticas, a conquista na forma de se vestirem, a diversidade no meio telejornalístico, os perigos na profissão, a presença das mulheres negras e a mulher enquanto agente ativo para colaborar na visibilidade daqueles que não são/foram ouvidos na sociedade.

2. MULHERES NA TELINHA: a presença feminina no trabalho telejornalístico

Para entender o processo de inserção das mulheres em cursos de jornalismo e no mercado de trabalho da área, é importante analisar o contexto histórico que levou à feminização dessas atividades, de modo geral.

O século XX foi um período marcado por grandes transformações, que foram norteadoras nas esferas sociais. Tivemos movimentos políticos de impactos globais como guerras mundiais, o avanço do socialismo, o fascismo, a Guerra Fria e a consolidação do capitalismo, avanços tecnológicos, a computação e as telecomunicações, que moldaram o mundo moderno e científico. No Brasil, tivemos governos autoritários, golpe militar, censura, perseguições e um país com tentativas de reestruturação (Moura, 2018). Paralelo a tudo isso, e não menos importante, tivemos movimentos sociais como o feminismo e luta por direitos civis. Com o fim da ditadura militar, a luta feminista se intensificou, a passeata do Dia da Mulher no Rio de Janeiro, na década de 1980, retratada na figura 1, exemplifica esse momento de fortalecimento do feminismo no país.

Figura 1: Passeata do dia da Mulher no Rio na década de 1980: Feminismo ganhou força com o fim da ditadura



Fonte: Paulo Moreira/ Agência O GLOBO

Segundo Moura (2018), a notoriedade das transformações femininas no século XX é necessária para compreendermos como se deu a ruptura de uma cultura patriarcal e que negligenciava as mulheres, buscando vê-las como mais independentes e que lutavam por seu espaço. Se por um lado, aconteceram mudanças como a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, na vida política e pública visando igualdade, nem toda a sociedade viu essas

transformações como algo positivo, visto que o papel social da mulher já estava determinado ao longo da história, ser a sombra do homem.

Apesar das tentativas e das significativas mudanças da mulher, ainda hoje, em pleno século XXI, ela é invisibilizada e colocada em cenários de inferiorização. Com isso, as mulheres começaram a ganhar força para se ajudarem e ajudarem outros movimentos sociais e políticos.

De acordo com Tuzzo; Temer (2021), as jornalistas enfrentam dificuldades no telejornalismo, incluindo assédio moral e sexual, vindo tanto de colegas quanto de entrevistados. Muitas vezes, elas são deixadas de lado em pautas mais importantes ou que envolvem conflitos, e essa resistência ocorre especialmente contra as mulheres em posições de destaque. Estes desafios refletem como o machismo e o conservadorismo ainda impactam a vida profissional das mulheres no jornalismo. Os ataques são ainda mais intensificados quando vem de um grande representante, no caso o ex-presidente do país Jair Bolsonaro, que em algumas aparições e falas com jornalistas agrediu verbalmente ou incentivou seus apoiadores a fazerem o mesmo, em alguns casos a agressão foi além da verbal².

Pensar o hoje para mulheres no telejornalismo nos faz rememorar que a inserção das mulheres no jornalismo foi gradativa. Segundo Casadei (2011), a presença da mulher nos escritos jornalísticos foi observada, no século XIX, aos poucos adentrando o meio jornalístico impresso. Inicialmente, abordavam assuntos mais leves, como ensinamentos e normas de como ser uma boa dona de casa, escreviam sobre romances e moda. Por escreverem sobre esses temas, a relação da mulher com a escrita foi atribuída à literatura. Mais tarde, passaram a atuar em um jornalismo mais alternativo, abordando temas como feminismo, direitos humanos e sociais.

Como cita Casadei (2011), o *Jornal de Senhoras* de 1855, foi o primeiro impresso comandado por mulheres, porém, elas não assinavam seus escritos e deveriam continuar no anonimato. Segundo Buitoni (1981 apud Casadei, 2011), a representação feminina brasileira do século XIX seguiu duas vertentes, de um lado revistas que valorizavam as mulheres como companheiras e mães e de outro as produções engajadas em lutas e independência feminina.

Diante do exposto, entendemos que parte desse anonimato surgia por medo da represália e de possível exposição ao ridículo, pelo menos era o que elas achavam, visto que deveriam ter muita coragem para se expor tanto em um lugar que antes era visto como predominantemente masculino. Essa postura poderia trazer um sentimento de autoproteção,

² Recomenda-se o documentário *Cercados* (2020), disponível no Globoplay, a produção aborda os desafios enfrentados por jornalistas durante a cobertura da pandemia e os ataques à imprensa.

entretanto acabava reforçando o que já foi exposto, que aquele lugar era masculino. Como consequência, o anonimato contribuiu para que o trabalho dessas mulheres fosse desvalorizado ou, em alguns casos, até invisibilizado. Elas não eram lembradas como figuras de autoridade, influentes ou inovadoras no campo, o que impactava não apenas a trajetória de carreira individual, mas também a representatividade feminina no jornalismo como um todo.

As mulheres quebraram várias barreiras para conquistar seu espaço na profissão e no mercado de trabalho, devido essa busca pela profissionalização, consequentemente, cresceu a necessidade maior da educação, daí podemos perceber o cenário atual das universidades. Para representar parte do cenário de cursos de jornalismo, desenvolvemos a Tabela 1 com uma divisão por gênero binário, destacando dados que evidenciam esse avanço na participação acadêmica, considerando o curso de jornalismo da Uespi de Picos, tendo em vista que boa parte dos profissionais que atuam no mercado jornalístico de Picos são oriundos desta universidade.

Tabela 1: Alunos de Jornalismo matriculados na UESPI - Picos período 2024.2

	1º bloco	3º bloco	5º bloco	7º bloco
Mulheres	9	6	3	10
Homens	3	5	2	6

Fonte: elaboração própria, 2024.

Falar sobre a participação dos estudantes na graduação em jornalismo é essencial para entender não apenas a transformação do mercado, mas também a maneira como a comunicação evolui com novas perspectivas. O aumento do interesse feminino pelo curso reflete avanços na democratização do ensino, dos debates sobre gênero e abre espaço para discussão sobre inclusão, desafios profissionais e diversidade de vozes na imprensa.

Nas universidades, as mulheres são maioria, para melhor entendimento utilizei a título de demonstração na Tabela 1, apresentada acima, o curso de jornalismo da Universidade Estadual do Piauí. No ano de 2024, o curso de jornalismo em Picos contou com 63,6% estudantes mulheres e 36,4% homens. O número que nos ajuda a ter um olhar inicial sobre o ensino superior em Jornalismo de Picos também dialoga com um dado nacional. De acordo com a fala de Maria José Braga no 6º Colóquio Mulheres e Sociedade³, as mulheres também são a maioria a concluir o ensino superior e a maioria no mercado de trabalho, apesar das dificuldades a luta por igualdade e espaço sempre foi algo mais a conquistar.

³ Fala de Maria José Braga no 6º Colóquio Mulher e Sociedade. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9512560>. Acesso em: 19 de setembro de 2024

Segundo Mick et al.(2021), no relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro⁴, as mulheres eram maioria no ano de 2012, correspondendo a 64% dos profissionais no mercado de trabalho, no relatório de 2021 esse número caiu para 58%, quando comparado com o levantamento anterior, é uma queda de seis pontos, apresentando uma redução na participação feminina. Esta queda impacta no processo de ocupação da mulher nestes espaços no trabalho. Acreditamos que vários fatores podem ter contribuído para essa queda, lugares de trabalho hostis, dupla jornada profissional e pessoal, regulamentação, busca por mais direitos e sindicatos que olhem pelas profissionais, desigualdade salarial, cargos de pouca notoriedade, a própria pandemia de Covid-19, na qual mais uma vez a mulher foi “convocada” a exercer o cuidar e tantos outros.

A inserção da mulher no mercado de trabalho não representou por completo a divisão igualitária do trabalho, pois além da pressão trabalhista, a familiar continuou concentrada na mulher.

[...]tal expansão não significou o fim do preconceito e da segregação das mulheres; pelo contrário, elas ainda são vítimas de desníveis salariais em relação aos homens que ocupam o mesmo cargo, de dominação autoritária (explícita ou velada) e de barreiras culturais que dificultam ou impedem sua ascensão a níveis mais altos na empresa(CORRÊA, 2004, apud Amaral, 2012, p. 09)

É perceptível que, não importa o que as mulheres desempenham, os preconceitos e estereótipos sempre serão atribuídos ao gênero. Entretanto, algumas empresas e áreas possuem preferência feminina, devido às particularidades atribuídas a elas, como empatia, solidariedade, atenção e carisma. Já os cargos de liderança, tendem a ser ocupados pelos homens, tidos como bons gerentes e administradores.

A luta feminista no Brasil está atrelada à classe social e à significativa desigualdade salarial entre homens e mulheres ocupando as mesmas funções. As mulheres protagonizaram movimentos importantes na sociedade, buscaram direitos por aqueles que eram invisíveis aos olhos de muitos, lutaram pela anistia, por acesso à educação, descriminalização do aborto, causas que afetavam em sua grande maioria as classes de baixa renda (Carneiro, 2003).

No campo jornalístico, o toque feminino à profissão está atrelado a um duradouro processo histórico de lutas que perdura até hoje. É necessário levar em consideração que o jornalismo detém um papel fundamental fazendo com que haja inclusão de todas as esferas sociais. Segundo Leite (2016), podemos entender como conquista feminina até a presença

⁴ Disponível em:

<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2024

majoritária de mulheres entre os diplomados. Apesar do aumento da presença jornalística feminina na frente e por trás dos holofotes, na redação, no jornal, rádio, tv, portal, em cargos de chefia e mesmo ocupando diversos cargos, o trabalho das jornalistas ainda é desvalorizado, invisibilizado, colocado a prova – conferência de qualidade.

Durante coleta de dados realizada na Tv Cidade Verde- Picos e na TV Picos, percebemos que o quadro de funcionários é bem variado e que as mulheres estão desde a produção até a apresentação do telejornal. Construímos o quadro 1 a partir de entrevista com as próprias jornalistas, que confirmaram as informações sobre sua atuação jornalística.

Quadro 1: As mulheres jornalistas e seus cargos, profissionais da Tv Cidade Verde e Tv Picos.

Nome	Função atual + ano	Outras funções + ano
Ábia Ramos	– Editora da Tv Cidade Verde (2022 - 2025)	– Idea 7 (?) ⁵
Aline Alves	– Operadora técnica de GC ⁶ da Tv Cidade Verde Picos (2022 - 2025) – Apresentadora do quadro “Temos Vaga” (2022 - 2025) – Ajuda como Social Media colocando materiais no instagram da emissora (2022 - 2025)	– Apresentadora da Rádio FM Terceiro Milênio em Dom Expedito Lopes (2006 - 2021)
Beatriz Viana	– Repórter da Tv Cidade Verde Picos (2025)	– Marketing Empresarial (2024) – Repórter da Tv Picos (2024 - 2025) – Cinegrafista e Editora de imagens sazonal
Daira Passos	– Editora de imagens da Tv Cidade Verde Picos (2022 - 2025) – Editora de imagens da Tv	– Tv Centro Sul (2021)

⁵ O símbolo de interrogação (?), será utilizado para identificar os anos não localizados ou que as envolvidas não lembraram.

⁶Sigla para gerador de caracteres, recurso gráfico que exibe textos e imagens transmitidas na tela.

	Picos (2005 - 2025)	
Elinalva Amaro (saiu) ⁷	– Operadora de Master ⁸ da Tv Cidade Verde Picos (2024)	– Produtora de Tv de modo sazonal
Gilciene Monteiro ⁹	– Editora de imagens na Tv Picos (2005 - 2025)	– Dentro da Tv Picos já ocupou cargos de: cinegrafia, edição de imagens, edição de texto e reportagem -Coordenadora de comunicação da Secretaria de Educação (5 anos)
Ingrid Moura	– Apresentadora do Picos Notícia Primeira edição, Tv Picos (2025) – Editora-Chefe do Picos Notícia 1º edição, Tv Picos (2025)	– Repórter (2015) – Produtora da Tv Picos (2024) – Apresentadora sazonal – Assessora da Faculdade R.Sá (?) – Estágio na assessoria de comunicação da Universidade Estadual do Piauí (?) – Jornalista de Site (?)
Jaqueline Figueiredo	– Produtora da Tv Cidade Verde Picos (2022 - 2025) – Repórter e fotojornalista (2025) – Assessora de comunicação Política (2025)	– Assessora de comunicação da câmara de prefeitura (2011) – Assessora de comunicação Infinita Assessoria (2012) – Sistema de Comunicação de Picos (2013 - 2016) – Portal Cidades na net (2019 - 2020) – Portal Riachaonet (2021)

⁷ Quando começamos a pesquisa ela estava na empresa, mas saiu da empresa no início de 2025.

⁸ Profissional responsável pelo controle técnico de tudo que vai ao ar de uma emissora

⁹ Quando começamos a pesquisa ela estava na empresa, mas saiu em Maio de 2025

Janeide Barros	<ul style="list-style-type: none"> – Produtora da Tv Cidade Verde (2022 - 2025) – Produtora da Tv Picos (2009 - 2025) 	– AM Picos (2007 - 2008)
Jeandra Portela	<ul style="list-style-type: none"> – Apresentadora da Tv Cidade Verde (2022 - 2025) – Editora-Chefe do Notícias de Picos, Tv Cidade Verde (2022 - 2025) – Editora de Imagens na Tv Picos (2025) 	<ul style="list-style-type: none"> – Repórter na Tv Picos (?) – Repórter em Teresina (?) – Apresentadora de programa cultural mosaico(?) – Apresentadora do Antares em Rede (?) – Jornalista na Secretaria de Comunicação do Estado (SECOM), assessoria do governador do Piauí.(?)
Jesika Mayara ¹⁰	<ul style="list-style-type: none"> – Repórter da Tv Picos (2023-2024) – Web Jornalismo em média a 8 anos 	– Jornalismo impresso (?)
Júlia Borges (saiu) ¹¹	– Repórter da Tv Cidade Verde (2022 - 2024)	– Apresentadora de Tv sazonal
Layla Araújo	<ul style="list-style-type: none"> – Apresentadora do Picos Notícia 2º edição, Tv Picos (2025) – Editora-Chefe do Picos Notícia 2º edição, Tv Picos (2025) 	– Liderança Difusora (?)
Nagyla Santos	<ul style="list-style-type: none"> – Produtora de Tv (2024) – Social media (desde 2021) – Repórter da Tv Cidade Verde Picos (2025) 	<ul style="list-style-type: none"> – Fly Midia criativa - criação (2023) -Ideal Comunicação (?)

¹⁰ Quando a pesquisa foi finalizada ela estava afastada para licença maternidade.

¹¹ Quando começamos a pesquisa ela estava na empresa, mas saiu em 2024

	– Apresentadora do quadro Notícia Cultural (2025)	
Paloma Feitosa (saiu) ¹²	– Operadora de master (2022-2024)	– Tv Centro Sul (?) – Idea 7 (?) vou saber dessa empresa quando souber de Ábia
Paula Monize	– Editora do portal Cidade Verde.com (2025)	– Assessoria de imprensa (2017 - 2022) – Repórter Riachaonet (2013 - 2016) – Portal Piauí em foco (2016) – Folha Atual (2017 - 2022)
Sheila Fontenele	– Repórter da Tv Picos (2025)	– Na Tv Picos já ocupou cargos de: produtora e repórter (?) – Apresentadora e Editora-Chefe do Picos Notícia 1º edição (? - 2025))
Thaila Vieira	– Repórter da Tv Picos (2025 - 2026) – Jornalista de checagem do Coletivo Bereia (2024 - 2025)	– Assessoria Política I7k marketing (durante 3 meses, 2024) – Repórter da rádio Grande Fm (2 meses) – Produtora na rede clube (3 meses) – Jornalista freelancer
Valéria Noronha (saiu) ¹³	– Repórter da Tv Cidade Verde (2023 - 2024)	– Bolsista na superintendência da comunicação da Universidade Federal do Piauí (?) – Repórter estagiária do Jornal impresso O Dia. (?)

¹² Quando começamos a pesquisa ela estava na empresa, mas saiu em 2024.

¹³ Quando começamos a pesquisa ela estava na empresa, mas saiu em 2024.

		– Produtora audiovisual de Webdocumentário na Cross Content, São Paulo. (?) – TV Antena 10, Teresina-PI: repórter, produtora, editora-chefe e apresentadora.(?) – Repórter correspondente da Tv Band, em Teresina(?)
Victoria Saldanha	– Repórter da Tv Cidade Verde Picos (2024 - 2025)	– Repórter na Tv Picos (2024, durante 5 meses)

Fonte: elaboração própria, 2025.

A partir desse quadro podemos perceber que as mulheres jornalistas ocupam uma variada gama de espaços dentro do jornalismo picoense ou em áreas que fazem utilização das ferramentas da profissão, algumas das jornalistas em alguns momentos específicos aparecem durante o programa ou tem algum quadro dentro do telejornal . Boa parte das jornalistas possuem até mais de um vínculo, atualmente. Situação que não é incomum dentro da área do jornalismo, uma vez que ainda lidamos com um piso salarial (R\$2.424,00)¹⁴ que, muitas vezes, não supre todas as necessidades dos profissionais e os mesmos acumulam outras tarefas.

A presença delas em portais de notícias também é bem notável , mas deve ser levado em consideração o lugar que moram e exercem a profissão. A cidade de Picos e sua macrorregião possuem ainda muitas necessidades comunicacionais, e, muitas vezes, as oportunidades de atuação no jornalismo acontecem nesses portais por cobrir a cidade e região e precisarem de uma equipe satisfatória de jornalistas. A participação da TV na cidade aconteceu de uma forma lenta.

A primeira TV foi inaugurada apenas em 2005, a TV Picos, uma emissora pública pertencente à Fundação Rádio e Televisão Educativa do Piauí – Fundação Antares. Em 2002, após a eleição de Wellington Dias, foi elaborado um projeto para implantação da TV em Picos, a partir de uma visita de Erivan Lima, Odorico Carvalho e J. Pereira à então quase abandonada TV Educativa. O governador e outras autoridades apoiaram a iniciativa, e, em 20 de outubro de 2005, a TV Picos foi inaugurada com Odorico Carvalho na direção regional e uma equipe formada por jornalistas e estudantes de jornalismo locais.

¹⁴ Saiba mais em: <https://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/>

Já a Tv Cidade Verde de Picos é afiliada SBT, é recém-chegada na cidade, foi instalada em abril de 2022, funciona no canal 5.1 e possibilitou uma maior expansão do telejornalismo. Ambas buscam mostrar compromisso com o público e levar informação para Picos e região.

Contudo, não podemos avaliar os dias atuais sem nos reportarmos ao início dos trabalhos telejornalísticos no Brasil. A chegada da televisão no Brasil foi um período revolucionário, para a sociedade e para o campo da comunicação, o primeiro telejornal consolidou ainda mais esse avanço. A primeira exibição de um telejornal no Brasil aconteceu no dia 20 de setembro de 1950, dois dias após a estreia da tv no país, o *Imagens do Dia* foi o primeiro telejornal da televisão brasileira, nascido na TV Tupi em São Paulo e apresentado por Maurício Loureiro Gama (Stawski, 2015).

O fato de *Imagens do Dia*, o primeiro telejornal, ser apresentado por um homem reflete a exclusão histórica das mulheres em posições de visibilidade e prestígio na mídia. Como os primeiros jornalistas de telejornal vieram do rádio, setor antes predominantemente masculino, houve essa exclusão das mulheres, pois os donos de mídia buscavam profissionais tidos como possivelmente já "preparados" e com credibilidade consolidada. Acreditamos que este critério contribuiu como barreira para a entrada das mulheres em posições de destaque na televisão, restringindo suas oportunidades no período inicial.

Assim que estreou, o telejornalismo possuía uma linguagem semelhante à linguagem utilizada no rádio, devido os apresentadores fazerem a migração de um meio comunicacional para outro. O *Imagens do Dia* era um telejornal diário que passava imagens de acontecimentos durante o dia, não havia duração fixa para a exibição, o jornal levava o tempo que fosse necessário para transmissão de todas as imagens e fatos coletados para tal dia. Após a ascensão do telejornal, o Repórter Esso (1952 a 1970) – programa, inicialmente, veiculado no rádio – transformou-se também em sucesso televisivo (Stawski, 2015).

O telejornalismo brasileiro foi um grande avanço comunicacional nos anos 50, “Daquela data até hoje, o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se adequando às novas tecnologias e às necessidades do público-alvo” (Mello, 2009, p.1). Bem como todos os meios de comunicação, o telejornalismo precisou se reinventar, para mostrar proximidade, confiança, representatividade, atualidade e seriedade naquilo que sempre foi o seu papel. Atualmente, com o avanço maior da tecnologia e os novos meios de comunicação, não só o telejornalismo, mas os canais tradicionais do jornalismo precisaram se adequar aos novos meios e ao “novo” público que busca por informação.

Algumas mudanças no telejornalismo podem também ser vistas como o acréscimo de repórteres indo aos locais da notícia, uso de videotape, teleprompter, transmissão em cores, mas umas das mais significativas aconteceu com a inserção de mulheres na bancada. O *Jornal Nacional*, o jornal mais antigo em circulação, inseriu em 1996 a jornalista Lilian Witte Fibe (Figura 2), em sua bancada, ao lado de William Bonner, assumindo definitivamente o posto de apresentadora fixa do telejornal. Entretanto, ainda na década de 70 já se ouvia nomes como Sonia Maria que apresentou o telejornal JN¹⁵ de maneira não-fixa e Márcia Mendes, que também subiu à bancada (Stawski, 2015).

Figura 2: Primeira apresentadora fixa do JN



Foto: Globo¹⁶

A imersão da mulher no telejornalismo brasileiro foi um percurso lento, assim como em muitas outras áreas, levando em consideração o processo histórico de lutas e movimentos para conquistar os espaços e direitos que possuem hoje. Para Stawski (2015), construía-se um padrão de como a mulher deveria se portar no telejornalismo, uma ideia de como a mesma deveria ser apresentada ao público.

Os padrões existem em todo veículo de comunicação, isso que vai distingui-los, porém, a carga em cima da mulher é diferente. Por muito tempo, jornalistas mulheres estavam lá para dar notícias sobre como ser dona de casa, como cuidar dos filhos e estavam em cargos com menor visibilidade e menor remuneração. Quando a mulher chega à televisão e outras

¹⁵ Jornal Nacional, programa telejornalístico da rede Globo.

¹⁶ Lilian Witte Fibe, apresentadora do telejornal ao lado de William Bonner. Foi também âncora e editora-chefe do Jornal da Globo. Memória Globo. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lillian-witte-fibe/noticia/lillian-witte-fibe.ghtml>

podem ver sua imagem e serem representadas, a forma de se portar é diferente. Somente após duas décadas da chegada da televisão, segundo Vieira (2021) é que temos mulheres em telejornais e nas bancadas, mas seguindo o mesmo padrão imposto pela mídia e pela sociedade.

Com o passar do tempo, as funções de apresentação e de ancoragem de telejornais reuniram bastantes profissionais do sexo feminino, com histórias que se destacam no telejornalismo brasileiro. [...] algumas dessas mulheres abriram caminho para que isso se tornasse possível. **Cacilda Lanuza e Branca Ribeiro** foram importantes atrizes e apresentadoras, as primeiras a apresentarem um programa telejornalístico no Brasil. **Marisa Raja Gabaglia**[...]. **Marília Gabriela**[...]. **Lilian Witte Fibe**[...] (Vieira, 2021, p.21).

As mulheres começam a ganhar espaço nas telas apresentando jornais e com o passar dos anos essa presença só aumentou. Hoje, é mais comum ver mulheres apresentando telejornais, em sua maioria sempre tem um parceiro, mas comparado ao começo que praticamente nem mulheres havia, já é um avanço. No entanto, fica evidenciada a ideia de que as mulheres nem sempre são as protagonistas da sua representação e do seu local de trabalho.

No telejornalismo picoense, duas emissoras de perfis distintos se destacam, ambas contam com um quadro de funcionários diversificado entre homens e mulheres, adotando o formato de telejornal com apenas um(a) apresentador(a) por edição. As jornalistas ocupam diferentes cargos, como demonstrado na Tabela 2 deste trabalho. Na TV Cidade Verde, por exemplo, há dois telejornais, sendo apenas um deles apresentado por uma mulher. Já na TV Picos, observa-se um cenário distinto, o mesmo telejornal é dividido em 1ª e 2ª edição, sendo as duas edições sob a condução de jornalistas mulheres, o que indica que em Picos a visibilidade da mulher no eixo telejornalístico tem aumentado.

Estamos acostumados a ver jornais com apresentação dupla, em sua maioria mulheres, acompanhadas de homens. Em alguns casos as matérias são divididas igualmente entre a equipe. Porém, existem ressalvas, pois ainda hoje é comum que alguns apresentadores se tornem estrelas dos telejornais (Rios, 2016).

A trajetória das mulheres no telejornalismo brasileiro, especialmente no papel de apresentadoras e âncoras, reflete um processo de ascensão gradual, marcado por desafios e superação, aquelas que almejam chegar às bancadas começam em cargos de menor visibilidade ou cargos operacionais, como edição, produção, repórter de campo e vão preenchendo os espaços e alcançando outros.

Como bem coloca Rios (2016), exemplos como Renata Vasconcellos e Sandra Annenberg ilustram esse processo. Estas profissionais, que hoje são reconhecidas nacionalmente como âncoras respeitadas, começaram suas carreiras como repórteres, e foram

conquistando outros espaços nas organizações. Isso demonstra que, no telejornalismo, não basta apenas ter a oportunidade de estar diante das câmeras; é preciso construir uma trajetória sólida.

A partir das leituras e das falas de entrevistadas para este trabalho, foi possível perceber que, ao contrário das mulheres, os homens não enfrentam a mesma desconfiança inicial sobre sua capacidade de liderar um telejornal ou conduzir grandes coberturas. A ideia de que eles "naturalmente" pertencem a esse espaço está embutida em uma sociedade patriarcal. Este viés, ainda presente, facilita o acesso de muitos homens a esses cargos sem que precisem demonstrar tantas habilidades práticas ao longo de sua carreira inicial. Eles devem mostrar serviço, mas, historicamente, o homem sempre esteve em lugares de liderança ou colocado como um ser mais firme.

As expectativas em relação aos homens no telejornalismo, muitas vezes, não incluem as mesmas cobranças estéticas e de postura que recaem sobre as mulheres. Enquanto as jornalistas enfrentam críticas sobre aparência e comportamento, para os homens considera-se a credibilidade e a experiência como fatores mais decisivos na contratação. Essa diferença de expectativa reforça as barreiras extras que as mulheres precisam superar em comparação com seus colegas homens, sem contar que por muito tempo as mulheres tiveram que seguir um padrão mais masculinizado para ocupar esses espaços.

Encerrando esse capítulo, podemos observar que a trajetória das mulheres no telejornalismo é marcada por um processo constante de conquistas, porém também de desafios permanentes. Apesar de hoje vermos mulheres ocupando posições de destaque nas redações, em bancadas e em cargos de chefia, essa caminhada foi longa e, muitas vezes, cheia de barreiras que precisam ser superadas. A inserção feminina no telejornalismo brasileiro transformou a dinâmica da profissão, trazendo novas abordagens, maior diversidade de temas e um olhar mais inclusivo para a notícia. No entanto, embora essas conquistas sejam significativas, não eliminaram as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas.

A presença da mulher no jornalismo e na televisão representa um avanço, mas esse espaço ainda é permeado por desafios, como as pressões estéticas. Com isso, damos fim a este capítulo, mas essa história de persistência e enfrentamento abre caminho para uma discussão ainda mais profunda sobre como estereótipos e representações afetam a forma como essas jornalistas são vistas e o impacto disso no desenvolvimento de suas carreiras.

3. “MINHA VOZ USO PARA DIZER O QUE SE CALA”: carreira, demandas e desafios da mulher jornalista

Como já mencionado anteriormente, a presença feminina foi por muitos anos limitada a lugares de menor visibilidade, foi silenciada, moldada e restrita a lugares que achavam ser ideais para elas, como se precisassem dizer que mulher tem lugar, porém o lugar dela é onde quiser. Ao longo das décadas, as mulheres jornalistas conquistaram seu espaço e foram rompendo as barreiras e se firmando como vozes presentes e fundamentais no cenário midiático. A frase “minha voz uso para dizer o que se cala”, presente na música “o que se cala” que possui letra de Douglas Germano e foi cantada por Elza Soares¹⁷ simboliza essa trajetória de superação e marca o protagonismo feminino em um lugar que por muito tempo foi predominantemente masculino. A ascensão profissional, embora mais acessível, apresenta diversas barreiras, muitas destas consequências de uma sociedade machista e patriarcal.

O emprego de alguns estereótipos sobre a figura da mulher jornalista não apenas molda as percepções sobre a capacidade da mulher em funções de liderança ou em coberturas, mas também pode prejudicar as oportunidades de trabalho. Para as jornalistas, a percepção, muitas vezes, não está associada apenas à competência técnica e à capacidade de comunicação, mas também a sua aparência. Podemos citar como exemplo disto, uma matéria veiculada pelo site ISTOÉ que noticiou o caso da jornalista Michelle Sampaio, jornalista da TV Vanguarda, afiliada da Tv Globo, que, segundo informação concedida à página, foi demitida por estar acima do peso após a gestação:

Por estar acima do peso, fiquei um bom tempo trabalhando nos bastidores, cheguei a emagrecer um pouco, voltar pra reportagem e apresentação do jornal, mas saí do ‘vídeo’ novamente porque nunca de fato voltei ao peso antes da gravidez, que foi o pedido da emissora. (ISTOÉ, 2019)

Percebemos que há um padrão que atinge não só os modelos de produção telejornalística, mas os corpos que podem compor a emissora. Esta cobrança estética pode refletir não apenas na opinião pública, mas também dentro do local de trabalho, onde a aparência dos jornalistas pode ser um fator de avaliação tanto quanto seu desempenho profissional. Neste cenário, as mulheres, muitas vezes, se veem obrigadas a equilibrar profissionalismo, com a imagem e vida pessoal, e, no caso citado, a maternidade.

Embora a trajetória coletiva das mulheres jornalistas tenha sido marcada pela luta por visibilidade e respeito, cada profissional carrega uma história própria, com vivências, desafios e realizações singulares. As entrevistas realizadas para este estudo revelam essas nuances,

¹⁷ Disponível em: [Elza Soares - O Que Se Cala \(Áudio Oficial\)](#)

demonstrando como, por trás de um contexto de conquistas femininas no jornalismo, cada trajetória é única, tecida por experiências e perspectivas individuais. Desde a imposição de estereótipos, que influenciam as percepções sobre sua capacidade em funções de liderança, até a pressão sobre a aparência — como ilustrado pelo caso da jornalista Michelle Sampaio —, as experiências de cada uma revelam os diferentes caminhos que as mulheres percorrem em sua jornada profissional.

Este capítulo busca compreender as experiências e particularidades da carreira das mulheres no telejornalismo em Picos, Piauí, com ênfase nas demandas, desafios e carreiras dessas profissionais no mercado. A partir das vivências destas mulheres, analisamos as condições e expectativas da profissão, considerando também como questões como estereótipos e representatividade impactam suas trajetórias. Estes temas participam da discussão, oferecendo uma visão mais ampla do cotidiano profissional das jornalistas e de suas conquistas no cenário midiático local.

As falas das jornalistas (que estarão aqui identificadas de forma fictícia) mostraram um cenário local diversificado, em que cada uma compartilhou vivências particulares. Contudo, algumas temáticas convergem, como o fato de terem enfrentado desafios ao longo da carreira. Algumas já se viram com desafios profissionais, outras desafios pessoais ou desde a universidade, mas também há aquelas que afirmam não ter passado por desafios para chegar onde estão hoje.

Para algumas profissionais a carreira foi construída de forma programada, como foi o caso de Ana (2024), “Na minha vida como jornalista aconteceu tudo bem programado, eu estava na faculdade comecei a estagiar na Tv Picos e foi acontecendo de forma natural [...]”. O ciclo que para Ana (2024) parece ter seguido um fluxo retilíneo reflete um cenário que pôde ser conquistado após muito tempo de luta por e para as mulheres, pois ingressar no meio telejornalístico por muito tempo para elas pareceu algo irreal, isso se justifica pelo fato de que até meados da década de 90 o gênero feminino era frequentemente alocado nos cargos menos prestigiosos dentro da hierarquia telejornalística, especialmente no horário nobre, em casos raros (Stawski, 2015)

A jornalista Juliana (2024), apesar de ter passado por outros meios além do telejornalismo, afirmou não ter enfrentado nenhum desafio. De maneira semelhante a jornalista Patrícia (2024), afirma que “em meados de 2017/2018, eu já tinha uma abertura no campo para as mulheres, então a rede feminina já é muito presente” por uma data de imersão no mercado ser recente, podemos ver a evolução acometida no mercado jornalístico em relação ao gênero.

Essa diferença de experiências pode estar relacionada à forma como as normas de gênero operam no meio profissional. De acordo com Butler (2018), o gênero não é algo fixo ou natural, mas uma construção social que se manifesta por meio da repetição de normas culturais. Assim, "performar o gênero" não é um ato consciente e estratégico, mas um processo repetitivo e condicionado socialmente. Dessa forma, algumas mulheres podem transitar no mercado de trabalho sem grandes desafios não por uma escolha deliberada, mas porque sua performance de gênero acaba se alinhando às expectativas sociais e culturais preexistentes.

Entretanto, nem todas as jornalistas passaram pelas mesmas vivências, Maria (2024), por exemplo, destacou o desconforto de ingressar em um ambiente predominantemente masculino, além das dificuldades enfrentadas por engravidar durante o final de seu curso e continuar conciliando a maternidade com a exigência profissional.

Como mulher, a gente já enfrenta desafios dentro da academia, ao sair também, principalmente quando vai ter o contato com o público. Então assim, a gente percebe que, no meu caso, meu maior desafio foi, por exemplo, cheguei aqui na tv, aí as pessoas que começaram a me orientar eram homens, então acaba que você já se sente um pouco retraída, no meu caso. Porque você não se sente à vontade. Às vezes, a pessoa tá ali, você já meio que tem o sentimento de inferioridade, [...] mulher tem um jeito assim mais calmo, mais sensível de entender e passar as coisas. [...] outro desafio para mim, o principal como mulher, foi ter engravidado, uma coisa que não foi planejada, eu não estava esperando, tive que me preparar e ser forte para continuar me mantendo, inclusive para retornar ao trabalho e me firmar como estou até hoje (Maria, 2024)

O depoimento de Maria (2024) traz à tona a experiência de muitos profissionais mulheres que, ao ingressarem no mercado de trabalho, deparam-se com uma estrutura hierárquica marcada pela predominância masculina. Esta situação não está restrita apenas ao ambiente de trabalho, mas também na transição da academia para o mercado profissional. Este cenário ainda é marcado por uma questão já apresentada neste trabalho de que homens, por muito tempo, ocupavam predominantemente esses espaços e que ainda estão presentes em sua maioria em cargos de chefia. Este relato também ilustra como as mulheres enfrentam, de forma mais intensificada, desafios que homens, muitas vezes, não precisam encarar, como a conciliação entre carreira e maternidade, embora já se discuta a ideia de que os homens também devem ser responsáveis por cuidar dos filhos, a mudança de corpos e hormônios é algo que os mesmos não enfrentam durante a gestação de um filho.

A jornalista Cláudia enfatiza que o crescimento da mulher no jornalismo é gradativo, mas lento e que os desafios são os mesmos que as mulheres enfrentam independente da área, entretanto ela acrescentou sua experiência considerando a atual função que desempenha no

telejornalismo. “A área que eu trabalho, inclusive, que é com áudio e vídeo é sempre aquela questãozinha que homem faz melhor e sabe mais, então foi uma luta na questão desse sentido, de conquistar meu espaço” (Cláudia, 2024).

A fala de Cláudia destaca como a percepção de que “homens fazem melhor” em áreas técnicas é ainda uma barreira que as mulheres enfrentam. Este desafio reflete as construções de gênero que foram moldadas durante muito tempo, como já apresentado no capítulo anterior. Segundo Butler (2018), as categorias de “homem” e “mulher” são construções sociais que variam conforme o contexto histórico e cultural, mostrando que limitações atribuídas às mulheres em algumas áreas não tem justificativa essencial, mas advém de anos de construções sociais que enfatizam a desigualdade.

Já Fernanda (2024), relatou que os desafios começaram quando passou no ENEM¹⁸. As pessoas questionaram se ela estava se formando em direito ou medicina e ela respondeu que era em Jornalismo. Na época, nossa entrevistada informa que uma das pessoas perguntou como ela teria coragem sendo mulher de fazer jornalismo, afirmando ser uma profissão perigosa.

O questionamento sobre a escolha de Fernanda por jornalismo reflete uma percepção equivocada e machista sobre as profissões consideradas masculinas. Apesar dessa mentalidade limitante, Fernanda fez uma escolha baseada nos seus sonhos, desafiando as expectativas sociais e mostrando que, independentemente do gênero, as mulheres têm o direito de seguir suas vocações e alcançar espaços de destaque em qualquer área, incluindo o jornalismo. Além disso, esse episódio pode ser visto como um reflexo da luta contra os estereótipos de gênero, que ainda associam certas profissões a um “perigo” exclusivo para mulheres.

A abordagem feita à Fernanda também ilustra como os estereótipos de gênero são constantemente regados na sociedade. Segundo Walter Lippmann (2008), os estereótipos são o cerne das estruturas sociais — nossas tradições e as defesas de nossa posição social. Eles estão carregados de sentimentos, razão pela qual sentimos tanto incômodo quando algo parece fora do lugar, como se mexesse em algo fundamental no universo. Os estereótipos estão presentes nas funções que ocupamos, nas ações que praticamos, nos sentimentos que temos e na realidade que vivemos.

¹⁸ Exame Nacional do Ensino Médio, é uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculada ao Ministério de Educação e tem como propósito a admissão à educação superior e avaliação do ensino médio

Um padrão de estereótipos não é neutro. Não é meramente um jeito de substituir ordem por uma exuberante, ruidosa confusão de realidade. Não é meramente um curto-circuito. São todas estas coisas e algo mais (Lippmann, 2008, p. 97).

Os estereótipos não se limitam a categorizar pessoas ou grupos, mas influenciam as funções que ocupamos e as ações que praticamos, muitas vezes, reforçando desigualdades e perpetuando o radicalismo. Como Lippmann (2008) observa, ao nos depararmos com algo "fora do lugar", experimentamos um desconforto que é, em grande parte, emocional e socialmente moldado, refletindo o poder dos estereótipos em nos manter dentro de uma ordem preestabelecida. Além disso, essas construções sociais não são neutras, mas carregam a dinâmica de poder, moldando as expectativas de gênero, raça e classe, e limitando as possibilidades de liberdade individual e coletiva. Assim, os estereótipos funcionam não só como uma forma de compreensão rápida e simplificada da realidade, mas como uma ferramenta que define e reforça as fronteiras sociais, impactando profundamente a maneira como vivemos e nos relacionamos.

Essa visão de Lippmann (2008), pode ser facilmente aplicada ao contexto do telejornalismo, onde, por muito tempo, as mulheres foram vistas como figuras que deveriam seguir certos padrões de beleza e comportamentos, muitas vezes mais focados na aparência do que no conteúdo do seu trabalho. O corpo comunica, portanto a aparência e o comportamento na televisão sempre foram fatores essenciais para montar o conjunto da apresentação, entretanto alguns padrões não eram tão cobrados dos homens quanto das mulheres. Ela era, muitas vezes, apresentada como uma figura suave, que precisava seguir certos padrões de beleza e atitude, como se isso fosse mais importante que o seu trabalho. No Brasil, os padrões engessados e estereotipados foram se transformando aos poucos, com mulheres quebrando barreiras, mostrando que a atuação delas vai muito além da estética e, em alguns casos, sua atuação se dá com a contraposição de padrões já impostos. Este é o caso da apresentadora Maju Coutinho¹⁹, uma das jornalistas que quebrou padrões antigos como o uso de tons discretos para a apresentação de noticiários telejornalísticos.

A apresentadora Lilian Witte Fibe inaugurou as vestimentas que, por muitos anos, foram utilizadas pelas apresentadoras, “mulheres brancas, magras, de cabelos muito curtos e masculinizadas, também, pelas roupas” (Nodari, 2021, p.55). Esse estereótipo está profundamente ligado às expectativas de gênero e à manutenção de um certo padrão de poder,

¹⁹ COLOR block e tonalismo: 15 looks de Maju Coutinho para se inspirar na tendência. Disponível em : <https://extra.globo.com/mulher/moda/color-block-tonalismo-15-looks-de-maju-coutinho-para-se-inspirar-na-tendencia-24497031.html>. Publicado em : 25 jun de 2020. Acesso em : 20 nov de 2024.

em que a mulher precisa se adaptar a um perfil que se alinha mais à figura masculina tradicional, mesmo que essa adaptação desconsidere as diversas realidades das mulheres, como exemplo observamos a Figura 3, em que a jornalista Lillian Witte Fibe, uma das pioneiras no telejornalismo, aparece usando terno, peça, inicialmente, aplicada ao guarda-roupa masculino, cabelo curto e acessórios discretos .

Figura 3: Lillian Witte Fibe



Fonte: Memória Globo

Apesar desse “padrão Globo” ter se perpetuado por muitos anos, o telejornalismo contemporâneo, de modo geral, apresenta um cenário mais aberto, em que características como sotaque, cor de pele, estilo e linguagem são, em muitas situações, mais aceitas e valorizadas. Em Picos, essas mudanças já se fazem presentes, as jornalistas entrevistadas apontaram em sua totalidade que houve mudanças, porém ainda há muito o que evoluir.

Houve mudanças, mas ainda tem desafios e muitas questões que precisam ser superadas, e é vencida eu costumo dizer a cada dia (Cláudia, 2024).

A gente já tem essa quebra de padrões, a mulher já pode usar de outras vestimentas mais à vontade. Na linguagem jornalística, também houve uma quebra de padrões. Não há mais tantas palavras rebuscadas (Patrícia, 2024).

Quando eu comecei mesmo a trabalhar, existia alguns limites relacionados à questão da postura mesmo, da postura da mulher de estar bem vestida, está com uma roupa fechada, de não usar acessórios. Hoje, contanto que você esteja bem apresentável, tranquilo (Ana, 2024)

Pelo menos no lugar que eu estou hoje, eu vejo que tem essa mudança. Tanto que a apresentadora do jornal da noite, a Jeandra, pode usar saia, vestido , e no início do telejornalismo não, teria que ser de terninho e muito centralizada ali naquela bancada (Fernanda, 2024)

Eu acho que muita coisa mudou, as técnicas mudaram, mas eu acho que sim, alguns estereótipos continuam e precisam ser quebrados (Maria, 2024).

Eu acho que está muito desconstruído, acho que tem uma miscigenação muito grande. Não tem mais aquele padrão que a gente usava, aquele padrão globo, sotaque, cor de pele, cor de cabelo, o estilo está tudo mais aberto e mais livre (Juliana, 2024)

Embora o telejornalismo de Picos já tenha avançado em vários aspectos, as entrevistas revelam que os estereótipos de gênero ainda se fazem presentes de maneiras sutis, exigindo um esforço constante para a desconstrução dessas barreiras. A mudança, portanto, é um processo contínuo, em que as jornalistas desempenham um papel crucial na reconfiguração do espaço midiático, embora a resistência a essas mudanças ainda esteja presente, refletindo uma luta por um telejornalismo mais inclusivo e representativo.

Precisa-se entender que para fazer um telejornalismo inclusivo e representativo é necessário estar livre das amarras históricas e machistas que muitas vezes criam ambientes de trabalhos hostis, excludentes e coniventes com o silenciamento. Segundo Piffero (2020), apesar das mudanças, vivemos em uma sociedade patriarcal e toda evolução ainda é lenta, inclusive o espaço de visibilidade e voz das mulheres. A autora afirma que o silenciamento das mulheres é cultural e está desde casa e instituições a mesas de bares. No cenário telejornalístico, esta prática pode se manifestar, muitas vezes, de forma velada. Historicamente, o silenciamento está presente através da exclusão de mulheres em cargos de liderança, por exemplo, e pode vir também através até de um comentário considerado por muitos sem intenção.

A realidade no cenário picoense mostra que, das seis entrevistadas, duas já enfrentaram situações em que suas vozes foram silenciadas, apesar de trabalharem em meios de comunicação que deveriam promover representatividade. Essas experiências revelam que, mesmo em um ambiente que deveria ser inclusivo, ainda persistem desafios relacionados à subestimação e desvalorização da mulher no telejornalismo.

Maria e Cláudia (2024) relataram que já passaram por situações que destacaram se sentir silenciadas.

Infelizmente, por ser mulher, a gente já sofre com isso, às vezes, nossa opinião não é respeitada, alguma questão ética do ambiente de trabalho que a gente sabe que deve ter e, às vezes, tem pessoas que não respeitam. Já passamos por esse tipo de situações aqui, tipo ao ponto da gente tá falando de um assunto, “ah, você não sabe de nada, mulher não sabe de nada”. Esse tipo de situação acontece com frequência: estarmos aqui e lidarmos com comentários ou opiniões diferentes. É importante saber diferenciar entre os dois. Opiniões, cada um tem a sua, e elas precisam ser respeitadas. Porém, quando o comentário se torna ofensivo, o respeito precisa prevalecer. A própria diretoria da tv, por ser de uma tv pública, tem muita coisa que não podemos estar fazendo, tem que acatar. Acontece em algumas situações de

colocar a gente como incapaz ou colocar a gente como se não soubéssemos certos assuntos que são considerados masculinos. Então, tem muito disso no ambiente de trabalho, mas um ponto positivo e que ajudou foi ter apoio de alguns colegas (Maria, 2024)

Sim, passei por essas situações várias vezes, por muitas vezes, diversas vezes. Obtive apoio dos colegas, em sua maioria mulheres, mas sim também de homens, mas em sua maioria mulheres (Cláudia, 2024).

Para Foucault (1996, p. 25), "o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro". Isso sugere que, por mais criativo ou inovador que pareçam, os comentários se desdobram de algo já presente no discurso. No caso do preconceito de gênero, a ideia de que "mulher não sabe de nada" reflete um discurso que foi historicamente construído e reforçado ao longo do tempo, perpetuando desigualdades e silenciando vozes femininas.

Foucault (1996) aponta que os princípios de separação e rejeição organizam o que pode ou não ser considerado legítimo no campo do discurso. Historicamente, discursos que estavam "fora" das normas sociais dominantes, como dos ditos "loucos", eram tratados como nulos ou sem importância. No caso das jornalistas, algo similar ocorre: suas opiniões são desconsideradas ou silenciadas em contextos que reforçam a ideia de que determinados temas ou espaços pertencem apenas aos homens. Esse silenciamento, mais do que um simples desrespeito, reflete a exclusão ativa das mulheres de lugares de autoridade no discurso, perpetuando uma desigualdade que se sustenta em dinâmicas históricas de poder.

Por outro lado, nem todas as entrevistadas relataram ter enfrentado episódios de silenciamento. Essa distinção reforça que, embora o silenciamento de mulheres seja uma realidade histórica e persistente, ele não é igual. De acordo com Scott (1995), as experiências de gênero são mediadas por contextos específicos, como o ambiente de trabalho, as políticas institucionais e as relações interpessoais. Assim, o fato de algumas mulheres não terem vivenciado o silenciamento sugere que avanços foram feitos em termos de inclusão e respeito, ainda que de forma desigual.

Embora o silenciamento tenha sido uma realidade marcante para mulheres em diversas áreas, inclusive no jornalismo, é importante reconhecer que mudanças significativas vêm acontecendo ao longo do tempo. De acordo com Leite (2017), o crescimento feminino no mercado de trabalho foi considerado significativo em um cenário de quatro décadas. Consideramos que o maior debate sobre temas relacionados à mulher, ainda na universidade, tem impactado o perfil deste/desta profissional inserido (a) nos postos de trabalho. Estudar

estes temas oferece ao futuro profissional um olhar mais humanizado, crítico e consciente de seus direitos.

As entrevistadas destacaram que a presença feminina no jornalismo em Picos tem aumentado consideravelmente, nos últimos anos. Essa evolução é perceptível tanto na quantidade de mulheres que atuam em áreas como produção, edição e apresentação, quanto na ocupação de espaços que antes eram dominados por homens. Cláudia (2024) observa que "hoje, quando vou para a rua, vejo uma quantidade maior de mulheres, não só no telejornalismo, mas em todas as áreas do jornalismo."

No entanto, as percepções sobre o ritmo desse crescimento variam. Enquanto algumas entrevistadas enxergam avanços significativos, outras consideram que ainda há muito a ser feito. Maria (2024), por exemplo, avalia que "as mulheres estão caminhando devagarinho, mas ainda precisam melhorar mais. Aqui em Picos, a presença masculina ainda é muito forte para as mulheres conseguirem mudar essa realidade."

Já Fernanda (2024) ressaltou que as mulheres têm se destacado ainda na universidade "a gente pode perceber nas salas de aula do curso de jornalismo da UESPI de Picos, a maior quantidade são mulheres, na minha sala eram 17 pessoas, e o maior número era mulheres, até os professores a maioria são mulheres". Esse cenário revela um grande potencial para que as mulheres conquistem ainda mais espaço no mercado jornalístico local.

Ainda assim, a presença feminina no telejornalismo de Picos já é expressiva em algumas emissoras. Juliana (2024) destacou que "hoje, há mais mulheres do que homens como repórteres de telejornais", o que reforça a crescente ocupação de papéis importantes na mídia local.

Apesar das lacunas e de o crescimento ser uma questão que acontece dia após dia, a percepção geral é que as mulheres já vêm conquistando alguns espaços, causando uma feminização no mercado de trabalho. Segundo Rocha (2004), a obrigatoriedade do diploma de jornalismo foi um fator favorável que proporcionou a imersão da mulher na profissão. Todas as nossas entrevistadas possuem formação em Bacharelado em Comunicação Social ou Bacharelado em Jornalismo, esse fator reforça que as mulheres já se fazem mais presentes em múltiplos cargos consolidando sua relevância tanto na frente das câmeras quanto nos bastidores no mercado picoense.

Com o crescente ganho de espaço das mulheres no telejornalismo, um fator importante a ser observado é como as habilidades femininas têm contribuído para uma performance diferenciada no campo. Barcellos e Rodrigues (2020) destacam que a identidade cultural é continuamente moldada ao longo da vida e que, no contexto da identidade de gênero, as

diferenças entre homens e mulheres são reforçadas como traços culturais. Esses aspectos, além de refletirem a cultura de uma sociedade, tornam-se instrumentos que potencializam relações de poder desiguais e perpetuam as desigualdades de gênero.

É como se cada gênero tivesse suas características que lhe foram atribuídas e perpetuadas durante a vida. Isso foi bem observado nas falas das entrevistadas no telejornalismo local, quando delimitaram as habilidades que diferenciam homens e mulheres, as respostas como “sensibilidade”, “cautelosa”, “empática” e “observadora” foram atribuídas às mulheres.

Minha experiência na edição de imagens, eu acho que nós mulheres temos uma sensibilidade um pouco melhor, maior do que os homens e isso reflete quando a gente vai entregar um material editado que vai ser veiculado. A gente tem uma maior preocupação em editar matéria de uma forma que vai ficar mais bonita, sensível para quem vai receber (Cláudia, 2024)

A mulher é mais observadora e isso traz mais pontos positivos para ela como jornalistas e como telejornalista, a mulher tem o poder de observação maior do que do homem e isso é muito importante (Juliana, 2024)

A gente ter mais controle, mais cautela na questão de não agir de forma impulsiva, a questão da sensibilidade, essa questão da empatia, são habilidades que as mulheres se sobressaem, por ter essa paciência, essa calma, essa cautela, muitos homens têm, mas a mulher tem mais (Maria, 2024)

Eu percebo que as mulheres têm muitas habilidades. Não estou dizendo que os homens não tenham, mas eu acho que eu, como mulher, temos mais, tanto no cuidado, a delicadeza, tem um olhar mais sensível, dentro do jornalismo (Fernanda, 2024)

Apesar de algumas se manterem neutras ou não quererem atribuir a carga da sensibilidade à mulher, outras fazem colocações positivas, pois é importante que as mulheres aceitem esse lugar de ter um papel relevante no jornalismo e no telejornalismo. Serem vistas como sensíveis ou observadoras mostra a contribuição com outros olhares para as práticas jornalísticas. No entanto, mesmo que de forma inocente, esses olhares reforçam os estereótipos apontados por Lippmann (2008), mantendo-nos em uma ordem já estabelecida, uma vez que certos comportamentos sempre foram atribuídos ao gênero feminino.

Por outro lado, as jornalistas Ana e Patrícia (2024) tentaram manter-se neutras, além de apontar a sensibilidade e a importância da representatividade da identidade feminina :

A gente tem a concepção de dizer que a mulher é mais sensível, que a mulher consegue enxergar além, mas assim eu acredito que profissionalmente acho que o homem também tem essa capacidade, eu nunca vi uma distinção, “a porque ela é mulher, ela tem essa sensibilidade”, pode ser que com alguns assuntos, a gente consegue ter mais essa sensibilidade, mas de uma forma geral eu acredito que não (Ana, 2024)

É difícil, por que quando você fala de profissionais da comunicação, não é importante levar em conta o gênero, mas ao mesmo tempo é importante em relação à representatividade. Eu não queria taxar na questão da sensibilidade. Mas, você vê a sensibilidade feminina, em especial em pautas que são do lugar de fala da mulher, por isso é importante a gente ter mulher para poder falar de mulher na política, pra falar de violência sexual, é importante ter mulher para falar sobre mulheres no trabalho, então quando tem a mulher entrando nessas áreas que eram dominadas por homens, homens falando sobre mulheres, não havia aquela visão, nem a identificação e quando você vê mulheres fazendo reportagem sobre mulheres e para mulheres isso já é um grande ganho (Patrícia, 2024)

Segundo Freire Filho (2005) “representar” significava apresentar algo novo, em seguida passou a ser utilizado como “substituir” ou “estar no lugar de”, mas esse conceito pode ser bem mais amplo ou apresentar diversas interpretações. O termo está atrelado à analogia de todo tipo de sistema – texto, audiovisual – carregando o sentido de “falar sobre ou por” sendo aplicado desde os grupos sociais até as simbologias e indústria cultural.

Esse ponto é reforçado ao considerar o papel da representatividade feminina no jornalismo. Como observado em uma das entrevistas realizadas, ter mulheres abordando pautas que dizem respeito diretamente a elas, como violência sexual ou desigualdades no trabalho, garante uma visão mais sensível e uma maior identificação por parte do público. Essa presença feminina desafia um histórico midiático patriarcal, citado por Freire Filho (2005), que, frequentemente, subestima as mulheres e suas capacidades narrativas.

Por mais longo que seja o percurso da mulher no processo jornalístico, Baggio (2012, p.17) pontua que “A participação qualificada de mulheres na mídia muda, de certa forma, o olhar cultural. A presença do sexo feminino na comunicação torna a mulher mais cidadã, diante de si mesma e em relação ao olhar da sociedade”. As mulheres em lugares de destaque dentro e fora do jornalismo representam o gênero e dão voz e significado para tantas outras que são invisibilizadas.

Entender os desafios que atravessam a carreira das jornalistas picoense é necessário para que compreendamos o estágio atual que elas se encontram. No capítulo posterior, focaremos nas conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense.

4. NO MEU LUGAR: conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense

A trajetória das mulheres no telejornalismo é marcada por desafios que vão além da competência técnica. Como discutido anteriormente, a presença feminina nesse meio esteve historicamente condicionada a estereótipos, estigmas e expectativas que moldaram seu papel na profissão. No entanto, se por um lado esses desafios existiram – e ainda existem –, por outro, as conquistas também se acumulam.

O título deste capítulo, “No meu lugar: conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense”, reflete tanto a conquista das mulheres por espaço no telejornalismo quanto a reafirmação de sua relevância dentro da profissão. Uma realidade transformadora, uma vez que mulheres jornalistas não apenas ocupam bancadas e editorias antes dominadas por homens, mas também se consolidam como protagonistas na construção de uma cobertura mais plural e representativa.

No cenário nacional, avanços como a presença de jornalistas negras em telejornais (Maju Coutinho)²⁰, ampliação da atuação feminina em editorias como política (Sávia Barreto)²¹ e economia (Miriam Leitão)²² e a luta por igualdade salarial demonstram que as mulheres não estão apenas conquistando espaço, mas também reivindicando direitos e reconhecimento. Essas mudanças, contudo, não ocorrem de maneira homogênea em todo o país, e cada contexto apresenta suas particularidades.

Em Picos, Piauí, a trajetória das mulheres no telejornalismo também carrega marcas dessas transformações. A partir das entrevistas realizadas, este capítulo investiga como essas conquistas se refletem na realidade local. Mais do que apenas ocupar um lugar, elas constroem sua própria identidade dentro do jornalismo televisivo, contribuindo para uma mídia mais diversa e representativa. Entenderemos conquista aqui como algo conquistado à força de muito trabalho e como contribuições aspectos que estão colaborando para o desenvolvimento de um telejornalismo mais inclusivo, ainda em curso, mas com conquistas singulares.

A presença cada vez maior de mulheres no telejornalismo mudou não só o número de profissionais na área, mas também a forma como a profissão é exercida. O que antes era um espaço predominantemente masculino passou a contar com mais repórteres, apresentadoras e

²⁰ Maria Júlia Coutinho (Maju) – jornalista e apresentadora da Rede Globo

²¹ Sávia Barreto – jornalista e fundadora da [@brio.comunicação](#) e [@boletimbrio](#)

²² Miriam Leitão – jornalista, comentarista e escritora sobre economia

até gestoras. Essa mudança ajudou a diversificar a cobertura jornalística, trazendo novas perspectivas para a profissão.

Será que hoje, podemos falar que há uma feminização da profissão? Segundo Yannoulas (2011), a feminização de uma profissão não significa apenas ter mais mulheres atuando nela. A autora explica que, quando isso acontece, a área também passa por mudanças estruturais e acaba absorvendo certas marcas de gênero. A participação feminina no mercado de trabalho causou abalos em um ambiente demarcado com culturas estruturais machistas. Apesar dessa participação e movimento de feminização no mercado, a presença feminina no telejornalismo é uma grande conquista, mas ainda há desafios a serem discutidos.

Como aponta Ross Arguedas, Mukherjee e Nielsen (2025), em pesquisa realizada pelo Reuters Institute, sobre a distribuição de gênero, em uma amostra estratégica de 240 grande veículos de notícias online e offline, em 12 mercados distribuídos em 5 continentes, os números da desigualdade estão presente em vários países. A pesquisa mostrou que as mulheres estão presentes no mercado, cerca de 40% nas redações dos meios analisados, entretanto ainda não é uma onda tão forte em casos de editora-chefe, sendo uma contagem de apenas 27%.

Por outro lado, após entrevistas realizadas no cenário do telejornalismo picoense, as jornalistas relataram que perceberam um aumento significativo da participação feminina no mercado. Essa presença, por si só, já representa uma conquista importante, considerando que, como discutido anteriormente, o jornalismo foi por muito tempo dominado por figuras masculinas e marcado por uma série de barreiras para as mulheres, a jornalista Patrícia reforça essa percepção ao afirmar que:

Eu vejo que a mulher vem ocupando, cada vez mais, espaços — espaços na produção, na editoria dos programas, como apresentadora. Na TV Picos, por exemplo, tem editora-chefe que também é apresentadora, e várias mulheres em funções de edição de vídeos e imagens e na produção. Na TV Cidade Verde é uma mulher que é diretora de TV (Teresina), e geralmente, em outros espaços que passei, eram dominados por homens (Patrícia, 2024)

O depoimento evidencia não só o avanço na presença feminina, mas também a diversidade de funções que vêm sendo ocupadas por mulheres no telejornalismo local — muitas delas em cargos que antes eram quase exclusivamente masculinos. Esses dados e relatos reforçam a importância de reconhecer não apenas a visibilidade diante das câmeras, mas também a atuação nos bastidores como parte fundamental da construção de um jornalismo mais representativo.

Mesmo com o avanço observado no telejornalismo picoense, essa ocupação de espaços pelas mulheres é fruto de uma trajetória marcada por resistência, tanto local quanto nacionalmente. No Brasil, diversas jornalistas abriram caminhos em contextos ainda mais adversos, enfrentando o machismo estrutural dentro das redações, nas coberturas jornalísticas e na luta por direitos.

Em uma campanha realizada em 2024, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)²³ homenageou mulheres que marcaram a história do jornalismo, sindicalismo e luta por direitos brasileiros, destacando aquelas que, com coragem e compromisso, foram pioneiras e romperam o silenciamento imposto às vozes femininas. Entre elas está Nísia Floresta, educadora, jornalista, escritora e poeta; Josephina Álvares de Azevedo, jornalista, escritora e poeta, precursora do feminismo no Brasil; Antonieta de Barros, professora, jornalista e política, primeira deputada estadual eleita no Brasil; Patrícia Galvão (Pagu), jornalista, romancista e militante política, entre várias outras que estavam a frente do seu tempo na luta por direitos e liberdades.

Esse percurso, iniciado por vozes pioneiras, ecoa hoje nas experiências de mulheres que construíram suas trajetórias dentro das redações locais, como é o caso da jornalista picoense Cláudia que atua há quase duas décadas no telejornalismo. Seu relato destaca as conquistas alcançadas ao longo desse tempo, especialmente no reconhecimento das várias funções que as mulheres passaram a exercer no mercado de trabalho:

No jornalismo, eu acredito que pela experiência que eu tenho de quase duas décadas, e eu não foquei só em uma área do telejornalismo... de todas as áreas de uma pequena TV, que faz o que uma grande TV faz — que é colocar o jornal no ar — a única coisa que eu nunca fiz foi apresentar, mas de tudo que é função que existe numa TV eu já desenvolvi e gosto. Óbvio que tem sempre umas que você se identifica mais, mas eu tenho um conhecimento de cada área no telejornalismo (Cláudia, 2024).

Sua fala apresenta, na prática, o quanto as jornalistas se moldaram e ampliaram seus lugares de atuação e se voltaram para exercer diversas funções no telejornalismo, espaços que em décadas anteriores eram marcadas por a presença majoritária de homens. Apesar dessa conquista, Cláudia (2024) também pontua que o reconhecimento pleno e total ainda é desafiador:

Há um reconhecimento dos direitos, pouco mais que 20 anos e um pouco mais de espaço que há 20 anos... Eu comecei, está caminhando para 20 anos, e sim, quando eu ia para a rua, eu via pouca presença de mulher. Hoje, quando eu vou para a rua —

²³ Acesso a matéria:

<https://fenaj.org.br/mulheres-que-fizeram-historia-no-jornalismo-brasileiro-sao-homenageadas-em-campanha-nas-redes-sociais>

porque meu trabalho é interno, mas quando eu vou para externa — eu vejo uma quantidade maior de mulheres não só no telejornalismo, mas em todas as áreas do jornalismo (Cláudia, 2024)

A fala da jornalista se destaca por mostrar que, mesmo havendo avanços, os desafios continuam. A desigualdade de gênero ainda gera desconforto e obstáculos — algo que não deveria acontecer depois de tantos anos de dedicação e competência. Essa percepção, vinda de alguém com longa trajetória no jornalismo e pertencente a grupos historicamente marginalizados — mulheres — evidencia como o reconhecimento e a equidade ainda são lutas em curso no telejornalismo.

A ocupação feminina em cargos diversos contribui para um jornalismo mais plural que merece destaque. A presença de jornalistas mulheres em muitos casos traz à tona narrativas mais empáticas, humanas e diversas. Essa contribuição amplia olhares sobre os acontecimentos, trazendo à superfície temas antes negligenciados ou tratados de forma estereotipada, colocando em questão até mesmo novos formatos e possibilidades para tratamento das pautas. Questões relacionadas à saúde, educação, direitos, entre outros ganham novos pesos e perspectivas.

Ao falar de contribuições e conquistas, as jornalistas entrevistadas também apresentam sua versão como contribuintes para o jornalismo e para a sociedade. A jornalista Patrícia contou em sua entrevista que durante a pandemia da Covid-19 foi responsável por desenvolver vídeos curtos e educativos sobre a doença e a vacinação.

Uma conquista muito grande foi de desenvolver uma série de vídeos curtos, mas educativos sobre a Covid-19 para a população em geral, que foi utilizado tanto pela Tv Antares, quanto na Tv Antena 10. [...] isso foi uma coisa que mexeu muito comigo, de trazer as informações mais voltadas para o público adulto e infantil, e de ter encontrado espaços e ajuda no campo, apesar de em Teresina ser mais cheio de homens, principalmente apresentadores, pude perceber uma evolução das mulheres apresentadoras. Uma conquista foi participar da apresentação de programas, de ser editora-chefe desses programas, de produzir e claro de sensibilizar a população durante o período de pandemia. Além dos vídeos da Covid, também pude encabeçar uma campanha e fazer vídeos no mesmo formato — educativos — mas, com informações específicas sobre vacinação, que foi o “SIMBORA VACINAR”. Vindo para Picos também encontrei as portas abertas na Tv Cidade Verde, e pude ficar feliz que ao chegar na emissora local encontrei uma mulher na apresentação e várias mulheres na redação (Patrícia, 2024).

A fala de Patrícia apresenta conquistas importantes para ela, reconhecimento do seu trabalho e a ocupação de espaços que antes não eram abertos a mulheres. Podemos observar orgulho e alegria em sua fala sobre ter criado os conteúdos para ajudar em um momento tão delicado enfrentado nos últimos anos, demonstrando além de uma conquista pessoal e profissional uma contribuição voltada ao jornalismo e principalmente a sociedade.

Além das conquistas profissionais e sociais, nos deparamos com contribuições também culturais, como exemplo, tivemos na pesquisa uma jovem jornalista recém formada, negra e de uma comunidade quilombola. Em todos os momentos da entrevista, a jornalista expressou o quanto era feliz em ocupar desde o espaço acadêmico até o mercado de trabalho. Fernanda, sempre buscou falar sobre suas raízes. Em seu estágio acadêmico, fez pautas falando sobre a cultura da sua comunidade²⁴ e sobre os povos indígenas piauienses²⁵, “essa reportagem foi para o site e para a tv, ganhou uma repercussão muito grande e fiquei feliz pelo meu trabalho. A professora Thamyres entrou em contato comigo e disse que eu tinha vencido a disciplina de tópicos especiais e eu não acreditei que consegui furar essa bolha” (Fernanda, 2024).

A fala de Fernanda (2024) chama a atenção não só pelo feito de conseguir emplacar uma pauta que envolve povos, muitas vezes, invisibilizados, mas também pelo cuidado de, com base nos conhecimentos adquiridos em uma disciplina do curso de Jornalismo (Tópicos Especiais em Jornalismo, tentar mudar a realidade que lhe cerca, por meio de suas práticas jornalísticas. A presença de mulheres como ela no telejornalismo picoense abrem portas para dar visibilidade e possibilidades a novos nichos e novos formatos de pautas, contribuindo para um jornalismo mais diverso.

Ainda sobre suas conquistas a jornalista, contou que começou ainda no período de processo do ENEM:

A minha primeira conquista foi ter prestado o Enem e ter passado, acho que esse foi meu primeiro passo. Quando eu era criança eu lembro que eu falava para meu avô, que eu queria ser jornalista. Eu lembro que muita gente duvidou, e ele dizia que eu ia conseguir e eu realmente consegui. Então, todo meu esforço durante o curso valeu a pena (Fernanda, 2024)

Por meio de sua vivência, Fernanda (2024) nos mostra o quanto os caminhos para a chegada à universidade são singulares. Seu posicionamento representa muito mais que uma conquista individual, é o rompimento de uma série de barreiras históricas impostas às populações quilombolas, principalmente quando é direcionado ao acesso à educação superior. Durante a entrevista, percebemos que sua fala é carregada de afeto e memória, especialmente quando lembrou do apoio do seu avô, que sempre foi apoio para ela, mesmo diante da descrença de outras pessoas. Através disso vemos que sua conquista é coletiva, da família e da

²⁴ Comidas típicas da culinária quilombola preservam a resistência. Disponível em: <https://cidadeverde.com/cvplay/v/89847/comidas-tipicas-da-culinaria-quilombola-preservam-a-resistencia>. Acesso em: 15 abr. 2025

²⁵ Resistência e luta: realidades enfrentadas pelas comunidades indígenas no Piauí. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/411851/resistencia-e-luta-realidades-enfrentadas-pelas-comunidades-indigenas-no-piaui> . Acesso em: 15 abr. 2025

sua comunidade. Avaliamos que a presença dela no telejornalismo local tem fortes contribuições para o processo de produção vivenciado na empresa e colaboram para um jornalismo mais humanizado, orientado por um olhar decolonial.

Apesar das dificuldades, o meio telejornalístico possibilita a criação de laços e rede de apoio, seja a amizade com colegas de trabalho, seja afinidade com as próprias fontes. Estender sua rede de pessoas é essencial para contribuir e tornar a jornada mais leve. Percebemos, por meio das falas da entrevistadas, a presença do apoio, da sororidade, nem tudo precisa ser uma competição. Neste contexto, a jornalista Juliana falou que uma conquista para ela foi o número de amizades durante os anos de trabalho.

Um grande número de amizades que a gente cria, um grande número de fontes, que as fontes ajudam também a gente na vida pessoal. A questão do acesso à informação também para gente é bem melhor, então assim, são várias conquistas, principalmente o ciclo de amizades que a gente faz (Juliana, 2024)

A fala de Juliana (2024) mostra que as conquistas das mulheres no telejornalismo não se limitam ao ambiente das redações jornalísticas. Ela destaca o valor das amizades criadas ao longo da trajetória, da rede de contatos formada com fontes e da facilidade de acesso à informação. Essa visão amplia o sentido de conquista, mostrando como o jornalismo também fortalece as mulheres em suas relações e vivências diárias, e não só no aspecto técnico da profissão.

De acordo com os estudos de bell hooks (2018), as mulheres foram socializadas pelo pensamento do patriarcado, praticando o sexismo internalizado, ou seja, fazendo com que a relação feminina fosse sempre uma competição umas com as outras e que as mulheres se enxergassem inferiores aos homens, vestidas de medo, inveja e ódio. Contudo, a partir dos pensamentos feministas essa base crítica sexista foi sofrendo alterações e permitindo que as mulheres se libertassem do controle patriarcal, exercendo a sororidade²⁶.

Essas transformações permitiram às mulheres desbravar lutas por igualdades, direitos e deveres, permitindo que uma história consolidada pelo patriarcado fosse abalada. Ainda não temos um cenário ideal, mas, pela fala das entrevistadas, podemos perceber um avanço na estrutura social e profissional relacionada aos gêneros.

A jornalista picoense Maria, foi pé no chão quando contou sobre suas conquistas no mercado. A maior conquista que ela destaca é a consolidação da carreira, uma vez que chegar ao mercado é difícil, mas manter-se ainda é uma tarefa diária.

²⁶ Sororidade é a união e a aliança entre mulheres, baseadas na empatia e no companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.

Só de você está no meio jornalístico, que você conseguiu uma profissão. [...]minha maior conquista é essa, me estabilizar, por enquanto. Não é ainda tudo, eu almejo mais coisas para mim, mas eu acho que minha maior conquista foi me consolidar no mercado, no sentido de ter uma profissão que eu gosto (Maria, 2024)

Ter conseguido estabilidade, um emprego fixo e um bom relacionamento com colegas de profissão é, para ela, algo valioso, principalmente num cenário em que isso nem sempre é ou foi garantido. Em Picos, muitos jornalistas formados não conseguem se inserir no mercado de trabalho e acabam migrando para outras áreas.

A sororidade, torna-se um instrumento de resistência e de construção coletiva de trajetórias profissionais mais saudáveis. O fortalecimento dessas redes demonstra como o sucesso de uma mulher pode influenciar e impulsionar outras ao seu redor. Essa perspectiva se alinha à visão de hooks (2018) que defende o fortalecimento da solidariedade entre mulheres como prática política e emancipatória.

Como mencionado no capítulo 2, Mulheres na telinha: a presença feminina no trabalho telejornalístico, embora as conquistas das jornalistas no mercado de trabalho também representem avanços para a sociedade, nem sempre a presença no telejornalismo é sinônimo de liberdade, de conforto ou de segurança. O exercício do jornalismo pode expor profissionais a riscos, especialmente em contextos de denúncia ou cobertura de temas sensíveis. Mulheres jornalistas enfrentam, além das ameaças comuns à profissão, situações de violência marcadas por gênero, como assédio, ameaças virtuais e desqualificação pública.

O relatório da organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF),o jornalismo frente ao sexismo (2021), destaca que mulheres jornalistas são alvos frequentes de ameaças e perseguições online, o que as leva muitas vezes à autocensura. O assédio em campo acontece como uma forma de intimidação das jornalistas, o toque além de causar desconforto é crime. Uma prática mais comum e que ganhou visibilidade com a televisão e as redes sociais são os beijos forçados durante coberturas ao vivo, principalmente em eventos esportivos. Isso mostra como o assédio se normalizou a ponto de acontecer em frente às câmeras.

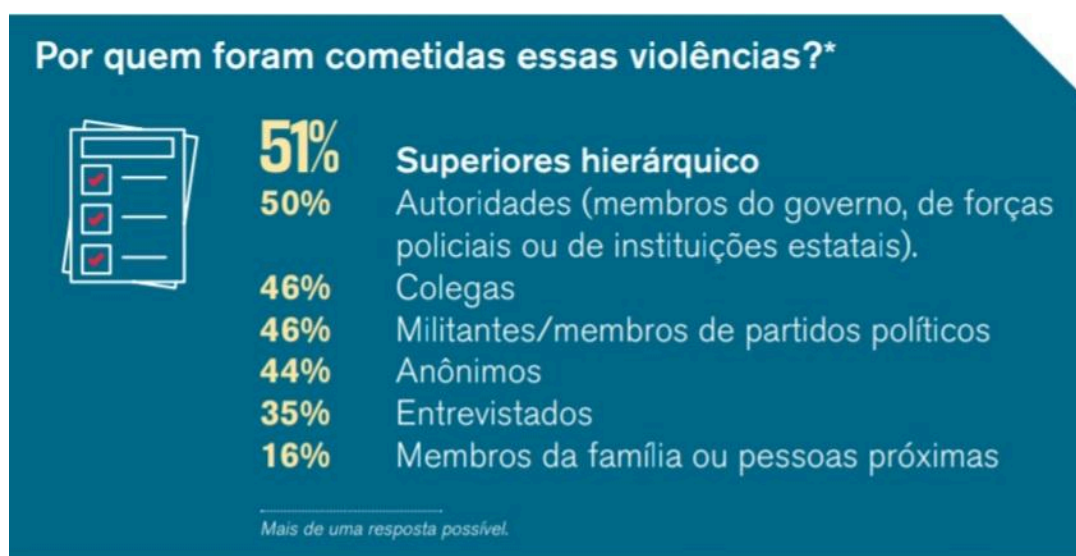
O perigo não está apenas nas violências sexuais, mas nas intimidações e ameaças contra a vida das jornalistas. Há quem pense que é uma realidade distante , mas em Picos a jornalista Cláudia (2024) contou uma situação que aconteceu durante a notícia.

Eu fui para fazer matéria de um rapaz que havia sido preso e ele era vizinho, e ele me ameaçou, na época eu [Cláudia] era cinegrafista. Ele me ameaçou e disse assim: “morena não me filma, porque amanhã eu tô solto e você pode ficar em perigo com isso”. No dia, o policial que estava com ele o repreendeu, e eu fiquei receosa. Claro, né?! Quem tem família a gente fica receosa, a gente sabe que o sistema é falho e como é falho poucos meses depois ele foi solto e é óbvio que eu fiquei apreensiva e fiquei mais cautelosa ao andar (Cláudia, 2024).

O relato destaca os riscos silenciosos ou não do jornalismo de campo, sobretudo para mulheres. Expõe uma realidade em que o trabalho pode invadir a vida pessoal e gerar temor real por represálias. A fala da jornalista traz à tona a vulnerabilidade das mulheres na prática do jornalismo. Contudo, a permanência das mulheres nestes espaços é um reflexo de uma luta plural. Ser protegida pelas autoridades e ter seu direito de informar garantido pode ser visto como uma conquista para mulheres que, em outros séculos, não tinham direito sequer a ter seus nomes assinados em matérias jornalísticas.

Outro dos diversos pontos apresentados no relatório é sobre a imposições de poderes. Homens, em cargos de destaque, utilizam sua posição para intimidar as mulheres, assediá-las e a ameaçá-las. Como mostra na imagem a seguir, de acordo com as entrevistas realizadas pelo RSF²⁷, a maioria das violências é cometida por cargos superiores.

Figura 4: Por quem foram cometidas essas violências?



Fonte: Repórteres Sem Fronteiras

A intimidação pode vir como interferência na redação, por questões políticas, ocultação de informações e outras. Em sua maioria, como mostrado na imagem, a violência vem dos lugares onde ainda é forte a predominância masculina, e não importa a região, a violência é igual ou mais grave. A jornalista picoense Ana (2024) contou durante sua entrevista que já passou por uma situação constrangedora, onde uma autoridade municipal quis barrar uma reportagem.

[...]a equipe de reportagem foi para uma cidade fazer uma reportagem sobre um assunto que não seria nem tão polêmico, mas o prefeito da cidade entrou em contato com a gente para não passar aquela matéria, porque era sobre a questão de um riacho

²⁷ Repórteres Sem Fronteiras. Saiba mais em:

https://www.sjpmg.org.br/wp-content/uploads/2021/03/o_jornalismo_frente_ao_sexismo-1.pdf

que não estava tendo a preservação merecida, correta, e aí uns estudantes da UFPI tentaram desenvolver um projeto de revitalização desse riacho. [...]o prefeito quando soube que a gente estava nessa cidade entrou em contato com a gente dizendo pra gente não colocar a matéria no ar por que esse projeto de revitalização era dele, ele tinha um projeto sim de revitalização e foi de forma bem grosseira, gritando dizendo que ia ligar para o nosso chefe para poder barrar essa reportagem[...] (Ana, 2024)

Ana (2024) explicou que a reportagem foi continuada, pois estava dentro dos critérios de noticiabilidade e não tinha a intenção de bater de frente com as autoridades ou mesmo desqualificar os trabalhos das mesmas. Essa fala explicita como ainda existem relações hierárquicas de poder que tentam deslegitimar ou silenciar a atuação jornalística quando esta contraria ou desagrade os interesses políticos locais.

Esses e outros relatos servem para mostrar uma parcela de como o Brasil está entre os 40 países mais perigosos para mulheres jornalistas. Assim como em diversos outros países citados no relatório do RSF, ainda há muitos desafios. Pode surgir a dúvida do por que isso seria uma conquista ou até uma contribuição para o telejornalismo?

Pode parecer contraditório chamar de conquista ou contribuição aquilo que nasce da dor, como o assédio, a exclusão ou a violência enfrentada por tantas jornalistas. Mas, na verdade, é justamente ao romperem o silêncio e denunciarem essas situações que essas profissionais passam a transformar o próprio telejornalismo, a transformação pessoal, profissional e coletiva que elas têm após as experiências. A presença feminina, marcada por resistências e enfrentamentos, traz novas formas de olhar o mundo e de fazer jornalismo. Essa mudança de perspectiva, por si só, já é uma contribuição.

As denúncias de assédio e as dificuldades enfrentadas por mulheres no campo jornalístico revelam um cenário de luta constante. Mas é justamente por enfrentarem esse contexto que muitas jornalistas vêm conquistando espaços de autonomia. Entre essas conquistas, está o direito de vestir-se, não totalmente como elas querem, pois as emissoras têm seus padrões e regimentos de vestimenta, mas de acordo com sua identidade, sem ter sua competência profissional colocada em dúvida por isso.

Desde seu surgimento, a televisão, é considerada o meio de comunicação mais presente nas sociedades ocidentais e brasileiras. Além do papel informativo, ela exerce influência sobre o comportamento da população, contribuindo para disseminação de modas e tendências. No telejornalismo, essa força simbólica atribuída a imagem é ainda mais evidente, principalmente ligada a jornalistas, pois estes se tornam o rosto da notícia e da emissora. A forma como se vestem, a maquiagem, o corte de cabelo, acessórios, tudo isso compõe a identidade visual (Aquino, 2010).

Nesse contexto, é necessário pensar sobre as implicações desse simbolismo para as mulheres na televisão e nos noticiários. hooks (2018, p. 47) ao discutir sobre a beleza por dentro e por fora, afirma que “A revolução do vestuário e do corpo criada pelas intervenções feministas fez com que mulheres aprendessem que nossa carne merecia amor e adoração em seu estado natural; nada precisava ser acrescentado, a não ser que uma mulher escolhesse se enfeitar”. Esse pensamento apresenta a positividade e as contribuições das lutas feministas e também nos faz refletir sobre os padrões que foram – e ainda são – impostos a jornalistas.

A presença feminina nas bancadas e nas reportagens televisivas foi acompanhada de um processo de reafirmação de identidade em que o corpo e a aparência deixaram de ser meramente exigências técnicas para se tornarem formas de expressão profissional. Hoje, ainda que certos padrões estéticos permaneçam em circulação, é possível observar uma maior liberdade para que as jornalistas escolham como desejam se apresentar — respeitando seu estilo, suas crenças e suas particularidades, sem deixar de lado as condutas das empresas e sabendo que o foco sempre será a notícia. As grandes empresas possuem departamentos e profissionais especializados para ajudar na escolha das roupas, acessórios e maquiagem, em emissoras de televisão locais os jornalistas devem se vestir bem, confortável e ao seu estilo, mas nada de seja vulgar, inapropriado ou que ofusque a notícia (Pereira e Nodari, 2018). A postura comunica, as roupas comunicam e tudo deve passar credibilidade.

Para ilustrar a transformação da moda feminina jornalística ao longo do tempo, é possível observar imagens de apresentadoras nacionais em diferentes épocas. A formalidade da televisão brasileira, com terninhos e/ou roupas em tons mais claros, cedeu espaço para produções coloridas e com personalidade, ainda que dentro de um certo “campo aceitável”.

Figura 5: Cristina Ranzolin | 1993 - 1996



Fonte: TV Globo/Reprodução

Figura 6: Looks das jornalistas picoenses



Fonte: Imagens obtidas de perfis públicos do Instagram ([@nagylasant](#), [@sheilafontenele](#), [@jeandraportela](#)) e acervo pessoal.

As figuras (5: nacional) e (6: local) mostram que o código de vestimentas muda com o tempo, permitindo às mulheres uma certa liberdade estética. Nas entrevistas com as jornalistas do telejornalismo picoense elas percebem as transformações e apontam sobre as evoluções – ou não – durante os anos.

Maria (2024), afirma que as coisas mudaram, entretanto acredita que algumas coisas ainda se fazem presentes e podem atrapalhar o fazer jornalismo:

Eu acho que muita coisa mudou [...], porém, eu acho que algumas coisas ainda permanecem e, às vezes, isso acaba atrapalhando o meio jornalístico, ainda tem muita gente ligado aos estereótipos antigos, muita gente ainda tem a cabeça fechada, que não quebra o vínculo, para tentar mudar (Maria, 2024).

Já Ana (2024) acredita que o modelo engessado ou como muitos chamam “padrão globo” já é um cenário distante, até a postura já não é algo tão demarcado:

[...] de usar roupas e acessórios bem discretos, existia isso, essa limitação, mas hoje, já não existe mais. Até como você posiciona sua mão quando você vai fazer uma entrevista existia muito, era algo bem mais engessado, hoje não (Ana, 2024)

Fernanda (2024) foi mais além. Na sua visão, com essas e todas as outras mudanças, as mulheres já estão construindo um futuro melhor no telejornalismo:

[...] a roupa fica a critério dela, e não é aquela coisa engessada, de tipo ter que ser terno. A ordem é ter cabelo preso como antes tinha que ser e eu vejo que estamos conseguindo, nem que seja pouquíssimo, mas estamos conseguindo avançar, acho que o estereótipo está conseguindo ser quebrado e lapidado por nós. [...] está sendo uma construção para o futuro do telejornalismo que queremos, onde as mulheres

podem ser mais livres e se sentir confortável, tanto na roupa, como cabelo, maquiagem para elas irem trabalhar e se sentir acolhida, espontânea para exercer sua profissão que é levar informação para a população (Fernanda, 2024).

Esses relatos evidenciam como as mulheres no telejornalismo vêm rompendo, aos poucos, as barreiras que por muito tempo delimitaram não apenas o modo de se vestir, mas também o modo de estar e ser na profissão. A liberdade estética, a possibilidade de escolha e a valorização da autenticidade são conquistas que, mesmo diante de resistências ainda presentes, representam avanços significativos.

Essas transformações nos levam para outra conquista importante, as múltiplas identidades no telejornalismo, que contribuem para deixá-lo mais plural e um lugar onde as mulheres firmaram seu espaço ou pelo menos é uma conquista gradativa.

Ao longo do tempo, o telejornalismo passou a refletir, ainda que de maneira gradual, uma diversidade antes negligenciada. A presença de mulheres negras, por exemplo, representa uma ruptura significativa com padrões históricos de exclusão. Apesar de parecer um passo não tão largo.

Glória Maria foi a primeira jornalista negra em um telejornal de destaque, entretanto, durante sua jornada, a jornalista citou várias vezes ter passado por situações de hostilidade por causa da sua imagem²⁸. Assim como ela, várias outras que vieram depois já falaram sobre sofrer a violência racial, jornalistas como Aline Midlej, Lilian Ribeiro, Zileide Silva e Maju Coutinho afirmaram serem vítimas durante as apresentações de jornais. As agressões aconteciam por meio de cartas ou redes sociais (Moura; Ferreira Junior; Coelho, 2022)

A representatividade negra na mídia é fundamental para democratizar os espaços, e construir novas perspectivas de diversidade no meio telejornalístico feminino ou de grupos sociais à margem da sociedade. Como afirma Moura; Ferreira Junior; Coelho (2022, p.7), “a mulher negra sofre preconceito duplicado em razão de sua raça e de sua cor, isso é refletido no mercado de trabalho”. Isso evidencia que os obstáculos enfrentados por mulheres negras não se resumem apenas ao gênero, mas também estão marcados pelo racismo estrutural.

No contexto do telejornalismo, essa presença carrega ainda mais força, pois desafia a ideia hegemônica de quem pode ou deve ser o rosto das notícias. Mulheres negras, ao ocuparem esse espaço, enfrentam duplas ou triplas jornadas de resistência, lutando contra o racismo estrutural e o machismo que ainda permeiam o meio. Abreu e Borges (2022), afirmam que mesmo não sendo suficiente ou um percurso tardio, a inserção de mulheres

²⁸ Em entrevista concedida para o programa Conversa com Bial, Glória fala sobre o racismo e que foi a primeira pessoa a evocar a lei Afonso Arinos. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8563377/>. Acesso em 30 abr. 2025

negras cresceu no espaço do telejornalismo, se comparado a outras épocas. Um dos casos de repercussão recente foi a promoção da jornalista Maria Júlia Coutinho, que mesmo sofrendo ataques de racismo, sua presença no telejornalismo da Rede Globo é motivo de comemoração na comunidade negra.

Em nossa pesquisa, percebemos a presença de mulheres negras no mercado telejornalístico picoense e acreditamos que a participação destas mulheres na equipe é necessária e pode contribuir para um telejornalismo com pautas mais igualitárias, menos racistas e com mais responsabilidade social.

Além da questão racial, a diversidade no telejornalismo também se manifesta em diferentes sotaques, idades, estilos e classes. Essa multiplicidade, longe de enfraquecer o jornalismo, o torna mais próximo da realidade brasileira, mais representativo e mais capaz de construir narrativas que dialogam com públicos variados.

As entrevistas realizadas com profissionais locais, apresentam um cenário diverso e plural, reiterando que são falas de profissionais com vivências e experiências locais. A jornalista Juliana (2024) diz que na sua visão tudo está diverso “[...] não tem mais aquela questão da padronização, acho que o telejornalismo, principalmente aqui em Picos está indo muito pela questão de vocação, e não liga para essa questão nem de gênero nem de raça”

A fala ganha ainda mais peso por vir de uma mulher negra. Ao dizer que hoje o que importa é a vocação, e não mais padrões ligados a gênero ou raça, ela revela uma mudança positiva no cenário do telejornalismo local. Isso indica avanços em relação à representatividade e ao rompimento com estereótipos que por muito tempo marcaram a presença feminina — e principalmente negra — nesse meio. Ainda assim, é importante lembrar que episódios de preconceito, como os enfrentados por Maju Coutinho em rede nacional, mostram que essas mudanças são recentes e ainda estão em processo.

Segundo Ana (2024), na emissora em que trabalha, o que prevalece são os atributos profissionais. Os gestores consideram sua formação e não os grupos sociais aos quais pertencem.

Se você for na [TV] Cidade Verde, você vai ver várias pessoas, de várias religiões, até questões de gênero. Não existe isso, torno a repetir. A gente avalia o profissional, independente de onde vem, quais são as suas raízes, a sua cultura, isso não importa, o que vale mesmo é a atividade, o profissionalismo mesmo do jornalista (Ana, 2024)

A fala de Ana (2024), reforça uma visão mais positiva, de que, pelo menos em sua vivência, há espaço para diferentes crenças, gêneros e culturas, e que o que realmente importa é a competência profissional. Entretanto, essa percepção não é compartilhada por todos. Muitos profissionais ainda enfrentam barreiras que interferem até mesmo em sua construção

diante do mercado. Não podemos dizer que um estudante que se levanta às 4h da manhã para preparar almoço e, em seguida, se desloca para a universidade possui as mesmas condições que um discente que acorda mais tarde e apenas se prepara para sair. Devemos levar em consideração as vivências e particularidades. Existem contextos que direcionam as competências, e nem sempre devemos generalizar tudo, pois, mesmo tentando ver pelo lado positivo, podemos estar sendo excludentes

A jornalista Patrícia (2024) afirma que na Tv Cidade Verde já se percebe uma pluralidade, o quadro de funcionários é diverso. Percebemos também na Tv Picos esta tentativa de contemplar os grupos sociais. É importante reconhecer e compreender o contexto do local onde trabalhamos, pois é ali que construímos nossa trajetória profissional. A entrevistada destaca que, em sua experiência na cidade de Picos, o ambiente de trabalho é majoritariamente ocupado por mulheres, além de haver espaço para pessoas negras e da comunidade LGBTQIAP+, o que aponta um início de inclusão.

A fala de Patrícia (2024) revela uma evolução no perfil das equipes de telejornalismo locais, onde a diversidade começa a ser encarada como algo natural e necessário. Ao destacar essas mudanças, percebemos que a presença feminina não só aumentou, mas também vem acompanhada de uma preocupação maior com representatividade, inclusão e escuta de diferentes vozes.

Assim, ao ocupar as telas e as redações, essas mulheres em suas múltiplas versões contribuem não apenas para a sua própria afirmação, mas para a transformação do telejornalismo em um espaço mais democrático, humano e plural, apesar das divergências e as transformações acontecerem de forma devagar, gradativa.

Nossa intenção neste capítulo foi trazer um panorama das conquistas e contribuições locais de maneira contextualizada com o nacional, mas sempre procurando entender as peculiaridades picoenses. Ao contrário de alguns dados estatísticos que tendem a colocar mulheres em disputa (Ex: Jornalista A bate audiência de jornalista B), nossa pesquisa busca enxergar o quanto este conjunto de mulheres contribui para um telejornalismo plural, mais democrático e inclusivo no semiárido piauiense. Percebemos pelas falas das próprias jornalistas o quanto o mercado local já se articula em uma postura de sororidade que , futuramente, pode contribuir para um maior fortalecimento das mulheres no telejornalismo local.

Considerações

As mulheres ficaram limitadas a papéis de menos destaque, enfrentaram barreiras de gênero, esconderam-se por trás do anonimato nas redações, dedicaram-se ao cuidado do lar sem a permissão para trabalharem fora por escutarem que aquilo não era para elas, mas mostraram que com maestria podem ocupar qualquer lugar. Ao longo deste trabalho, buscamos compreender os desafios, conquistas e contribuições das mulheres no telejornalismo em Picos, Piauí, partindo da constatação de que, apesar de terem conquistado cada vez mais espaço, ainda enfrentam desafios que se fazem presentes na sociedade há muitos anos e foram cultivados devido a um contexto histórico machista. O estudo se apoiou em pesquisas teóricas fundamentadas majoritariamente por autoras mulheres como Casadei (2011), Moura (2018), Butler (2018), bell hooks (2018), Rios (2016), Scott (1989), Tuzzo e Temer (2021), entre outras para compreender como está a presença feminina no telejornalismo em um cenário nacional e na própria escuta de entrevistas com jornalistas atuantes no município de Picos, que nos permitiram realizar uma análise local.

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a presença da mulher jornalista no telejornalismo de Picos, considerando suas trajetórias, desafios, contribuições e conquistas. Para isso, foram traçados objetivos específicos que permitiram uma análise mais detalhada da realidade vivida por essas profissionais nas emissoras locais TV Picos e TV Cidade Verde Picos.

Ao comparar qualitativamente a presença de mulheres em diferentes papéis no telejornalismo picoense, foi possível perceber que, embora a inserção feminina tenha avançado, os espaços de maior visibilidade e decisão ainda não são ocupados de forma igualitária. Nas entrevistas, algumas jornalistas relataram que percebem o avanço, e que esse crescimento se dá porque, em Picos, as empresas prezam pelo profissionalismo, não por gênero ou qualquer outra distinção social. Outras, no entanto, afirmaram que passam por situações constrangedoras no mercado de trabalho por serem mulheres.

As jornalistas conciliam carreiras no telejornalismo com as demandas e desafios da vida pessoal; essa conciliação acontece por meio de “malabarismos”. Ser mulher, por si só, já é um desafio, e ainda temos que lidar com situações de perigo, machismo, os desafios da maternidade, estereótipos de gênero, sexismo, descredibilidade pessoal e profissional. Quando decidimos ocupar os espaços sociais que são nossos por direito e entrar em um mercado que por muito tempo foi ocupado majoritariamente por homens, há a necessidade quase incansável de quebrar barreiras dia após dia. Como uma das entrevistadas relatou, mesmo

estando no mercado há quase 20 anos e percebendo uma considerável presença feminina ainda se trata de um crescimento gradativo.

No que diz respeito aos estereótipos de gênero, foi possível identificar que, embora haja avanços na valorização da competência profissional, traços de uma estética esperada e da associação a papéis considerados “mais leves” ou “emocionais” ainda persistem. Entretanto, foi possível notar uma maior abertura em relação à forma de vestir das jornalistas, sinalizando um certo deslocamento nos rígidos padrões de aparência e moda, valorizando a ética, a importância da informação, mas também levando em consideração a identidade e conforto das profissionais. Quando as mulheres são barradas de falar ou realizar algo em seu trabalho por serem mulheres, percebemos isso como um sinal de silenciamento. Algumas entrevistadas relataram sentir essa pressão de maneira mais sutil atualmente, enquanto outras reconhecem mudanças significativas na forma como são vistas no ambiente de trabalho.

Por fim, o levantamento das conquistas e contribuições das mulheres jornalistas evidenciou o protagonismo dessas profissionais na construção de um telejornalismo mais plural, sensível e comprometido. Entre essas contribuições, podemos destacar a presença de pautas sobre questões raciais abordadas por uma jornalista que tem lugar de fala, a abordagem de temas historicamente silenciados, a produção e execução de pautas educativas em um momento delicado durante a pandemia de Covid-19. Não que antes essas pautas não fossem tratadas com a devida cautela, porém, a visão feminina e os lugares de fala trazem novas perspectivas para o telejornalismo. Suas histórias mostram superações individuais, mas também refletem um movimento coletivo de resistência e transformação dentro dos telejornais picoenses.

Embora muitas mulheres jornalistas relataram não terem enfrentado dificuldades, seja por terem seguido trajetórias mais programadas ou por perceberem um aumento de espaço no meio profissional, não se pode generalizar esta realidade. Em muitos casos, os desafios estão presentes de forma oculta e, diante da rotina intensa, situações de constrangimento ou desvalorização acabam sendo naturalizadas. É importante lembrar que, embora a luta feminista seja coletiva, ela também é vivida de maneira individual. Por isso, é preciso cautela para que, ao reconhecermos diferentes vivências, não sejamos excludentes com o outro.

Em resumo, ao longo da pesquisa, foi possível identificar que as conquistas das jornalistas de Picos revelam uma ocupação gradativa e significativa de espaços antes destinados majoritariamente aos homens. Hoje, mulheres atuam como editoras-chefes, apresentadoras, produtoras, repórteres e operadoras técnicas nas duas principais emissoras locais. Além disso, há uma maior liberdade quanto à linguagem e à forma de se vestir nas

redações, demonstrando avanços em termos de autonomia profissional e estilo. A diversidade de atuações, que abrange desde a apresentação até a edição de imagens e o trabalho nas redes sociais, também evidencia que a presença feminina vem contribuindo para a construção de um telejornalismo atento às múltiplas realidades.

Entre as contribuições, destaca-se a capacidade de abordar pautas a partir de lugares de fala historicamente silenciados. A sensibilidade das jornalistas ao tratar de temas como violência de gênero, desigualdade, saúde materna e comunidades marginalizadas amplia o alcance e a qualidade da informação transmitida. As mulheres também funcionam como referências para outras que desejam ingressar no meio, incentivando novas trajetórias e reafirmando o lugar da mulher na comunicação.

Contudo, os desafios persistem tanto no cenário nacional, quanto em Picos. As jornalistas enfrentam a pressão da dupla jornada conciliando o trabalho em telejornais com tarefas domésticas, maternidade e, em muitos casos, a necessidade de múltiplos vínculos empregatícios, diante da baixa remuneração da profissão. Persistem, ainda, estereótipos de gênero que associam a figura feminina à aparência e à suavidade. Além disso, relatos de silenciamento e desvalorização mostram que as barreiras não são apenas visíveis, mas também simbólicas e estruturais.

Diante desse cenário, as demandas das jornalistas picoenses incluem a valorização de suas trajetórias, a equidade em cargos de liderança, o combate a estigmas e políticas mais eficazes de apoio e equilíbrio entre vida pessoal e carreira. Mesmo com diferentes vivências, olhamos para a necessidade de um jornalismo mais justo, onde gênero não determine a possibilidade de crescer, ser ou permanecer.

Assim, os objetivos desta pesquisa foram atingidos, permitindo uma compreensão ampla e crítica sobre o papel da mulher no telejornalismo de Picos. Todavia, o estudo também reforça a importância de manter o debate e aprofundar ou levar a temática a outras perspectivas, especialmente em contextos do interior, onde as mudanças acontecem em ritmos distintos. Futuras investigações podem aprofundar as intersecções entre gênero, raça e classe, e a presença das mulheres em meios como rádio e portais, como elas se comportam nesses espaços ampliando o olhar sobre as diversas experiências que compõem o jornalismo local.

Referências

- ABREU, Laura Ferreira de; BORGES, Rosangela Ferreira de Carvalho. O espaço destinado à mulher negra no telejornalismo: sub-representação nos telejornais brasileiros. *Revista Iniciacom*, v. 11, n. 2, 2022, 15 p. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/download/4112/2755/11817>. Acesso em: 26 abr. 2025
- ABRAJI. Miriam Leitão será homenageada no 14º Congresso da Abraji. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/miriam-leitao-sera-homenageada-no-14-congresso-da-abraji>. Acesso em: 30 abr. 2025
- AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. Identidade Visual do Telejornalista: Uma reflexão conceitual sobre o papel do corpo e do figurino na apresentação dos telejornais. Disponível em: [artigo intercom ne 2010](#). Acesso em: 21 abr. 2025
- AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. *Itinerarius Reflectionis*, Jataí, v. 2, nº13, p. 1-20, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufi.edu.br/rii/article/view/22336/19243>. Acesso em: 15 maio 2024
- ANA. Entrevista concedida a Paloma Sousa, 01 nov. 2024
- BAGGIO, Luana Maia. Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no programa jogo aberto da tv bandeirantes. Centro Universitario Franciscano, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <https://lapecjor.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-no-telejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programa-jogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>. Acesso em: 17 maio 2024
- BARCELLOS, Luíza Buzzacaro; RODRIGUES, Raiana da Silva. Gênero e comunicação: reflexões teóricas a partir da discussão sobre identidades e cidadania. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 9, n. 1, jul. 2020. 24 p.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016, 141 p.
- BARRETO, Sávia. Quem somos. *Boletim Brio*. Disponível em: <https://boletimbrio.com/2025/02/02/saviabarreto/boletim-savia-barreto-03-02-25/>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BRASIL. Resolução nº510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 21 nov. 2024
- BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Data da publicação original: 1990, p. 14-56. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em : 18 nov. 2024

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos avançados, v. 17, p. 117- 133, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869QTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2024

CASADEI, Eliza Bachega. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. Revista Alterjor, São Paulo, v.01, nº 02, ed. 03, 10 p. Janeiro-Junho de 2011

CHAGAS, Anna Paula. Do formal ao original: veja qual é a tendência no look das jornalistas. Claudia, São Paulo, 25 nov. 2021. Disponível em: https://claudia.abril.com.br/moda/estilo-das-jornalistas-color-blocking/#google_vignette. Acesso em: 25 abr. 2025

CLÁUDIA. Entrevista concedida a Paloma Sousa. 08 nov. 2024

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2º ed. São Paulo: Atlas S.A, 2011, p. 62 - 66

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Mulheres que fizeram história no Jornalismo brasileiro são homenageadas em campanha nas redes sociais. Disponível em: <https://fenaj.org.br/mulheres-que-fizeram-historia-no-jornalismo-brasileiro-sao-homenageadas-em-campanha-nas-redes-sociais>. Acesso em: 09 abr. 2025

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Pisos salariais. Disponível em: <https://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/>. Acesso em: 15 out. 2024

FERNANDA. Entrevista concedida a Paloma Sousa. 02 nov. 2024

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3º ed. LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1996, 40 p.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Revista FAMECOS, nº28, 2005, p. 18-29.

FROZZA, Anelise. A Presença da Mulher na Cobertura de Futebol da RBS TV. 2008. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 66 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/248569>. Acesso em: 30 mar. 2024

GLÓRIA MARIA FALA SOBRE RACISMO E LEMBRA MOMENTOS TENSOS COBRINDO POLÍTICA. Conversa com Bial, [S.l]: GloboPlay, 2020. 1 vídeo (11min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8563377/>. Acesso em 30 abr. 2025.

HOBBSAWM, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 1995, 478 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071685/mod_resource/content/1/Era%20dos%20Extremos%20%281914-1991%29%20-%20Eric%20J.%20Hobsbawm.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024

HOOKS, Bell. A sororidade ainda é poderosa. In: HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018, p. 28 – 33

HOOKS, Bell. Beleza por dentro e por fora. In: HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018, p. 46 – 50

ISTOÉ. Jornalista da TV Globo faz desabafo após ser demitida por estar acima do peso. São Paulo: 23 Mar. 2019. Disponível em: [Jornalista da TV Globo faz desabafo após ser demitida por estar acima do peso - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](https://istoe.com.br/jornalista-da-tv-globo-faz-desabafo-apos-ser-demitida-por-estar-acima-do-peso/). Acesso em: 16 out. 2024

JULIANA. Entrevista concedida a Paloma Sousa. 08 nov. 2024

_____. JH 50 anos: relembre alguns apresentadores que passaram pela bancada do telejornal. G1, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/especial-50-anos/noticia/2021/04/14/jh-50-anos-relembre-alguns-apresentadores-que-passaram-pela-bancada-do-telejornal.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2025

LEITE, Aline Tereza Borghi. Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 44–68, 2021. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3810>. Acesso em: 5 maio 2022.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 83 – 95

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2007. p.269. Disponível em: <https://professormassena.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/texto-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024

MARIA. Entrevista concedida a Paloma Sousa. 01 nov. 2024

MELLO, Jaciara Neves. Telejornalismo no Brasil. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, p. 11, 2009. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024

MEMÓRIA GLOBO. Lillian Witte Fibe. 2021. Disponível em: [Lillian Witte Fibe | Lillian Witte Fibe | memoriaglobo](https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lillian-witte-fibe/noticia/lillian-witte-fibe). Acesso em: 15 out. 2024

MEMÓRIA GLOBO. Lillian Witte Fibe. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lillian-witte-fibe/noticia/lillian-witte-fibe.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2024

MICK, Jacques. et al. O perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 08 maio 2024

MOURA, Ranielle Leal. O jornalismo nas narrativas das crônicas de Rachel de Queiroz e Maria Judite de Carvalho. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, 2018, p. 33 – 49

MOURA, Flávia de Almeida; FERREIRA JUNIOR, José; COELHO, Jesilene Correa e Silva. Mulheres negras no telejornalismo brasileiro: visibilidade em meio ao preconceito de raça e gênero. Comunicologia, v. 15, n. 1, jan./abr. 2022, 16 p. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/download/14169/11388>. Acesso em: 27 mar. 2025

NATELINHA. Tudo sobre Maju Coutinho. Uol. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/maju-coutinho>. Acesso em: 30 abr. 2025

NODARI, Sandra. Apresentadoras femininas do Jornal Nacional: um breve perfil In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). *Jornalismo e Estudos Mediáticos – Memória IV*. Porto: Publicações Fundação Fernando Pessoa, 2021. p. 51 – 68

O GLOBO. Dia da Mulher: as passeatas que marcaram o movimento feminista no Brasil, nos anos 80. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/03/dia-da-mulher-as-passeatas-que-marcaram-o-movimento-feminista-no-brasil-nos-anos-80.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2024

PIFFERO, Mariane Contursi. A voz como instrumento de efetivação dos direitos das mulheres. *CiênciaAção – Observatório Interdisciplinar de Divulgação Científica e Cultural*, 10 set.2020. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2020/09/10/a-voz-como-instrumento-de-efetivacao-dos-direitos-das-mulheres/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PEREIRA, Ligia Tesser. “As mulheres são maioria nos cursos e isso faz com que mais e mais mulheres entrem no mercado de trabalho, mas essa entrada não é totalmente igualitária, infelizmente”. *Revista Pauta Geral, Universidade Estadual de Ponta Grossa*, v. 6, n. 2, p. 229-238, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9512560>. Acesso em: 19 set. 2024

PEREIRA, Ana Tereza May; NODARI, Sandra. Telejornalismo e vestuário: uma análise de como roupas e acessórios de jornalistas de televisão influenciam na notícia. *Dito Efeito, Curitiba*, v. 9, n. 15, p. 1-12, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/viewFile/9032/5968>. Acesso em: 10 abr. 2025

PATRÍCIA. Entrevista concedida a Paloma Sousa. 08 nov. 2024

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. O jornalismo frente ao sexismo. [S.l.]: Repórteres Sem Fronteiras, 2021. 37 p. Disponível em: https://www.sjpmg.org.br/wp-content/uploads/2021/03/o_jornalismo_frente_ao_sexismo-1.pdf. Acesso em: 20 abr. 2025.

RIOS, Andressa de. Apresentação dos telejornais brasileiros: qual o papel da mulher jornalista à frente de um telejornal?. 2016. Monografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p. 36-67. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16707/1/2016_AndressaDeAssisRios_tcc.pdf. Acesso em: 04 out. 2024

ROCHA, Paula Melani. As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024

ROSS ARGUEDAS, Amy; MUKHERJEE, Mitali; NIELSEN, Rasmus Kleis. *Women and leadership in the news media 2025: evidence from 12 markets*. Oxford: Reuters Institute, University of Oxford, 2025. Tradução do Google Tradutor. Disponível em: <https://reutersinstitute-politics-ox-ac-uk.translate.goog/women-and-leadership-news-media-2025-evidence-12-markets? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr pto=sge>. Acesso em: 31 mar. 2025

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: *Gender: a useful category of historical analyses*. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 19 nov. 2024

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2013. p. 87-110

SILVA, Lethícia Alves Faria da. Jornalismo sensacionalista, mulheres e cidadania: aspectos da presença feminina nas capas do jornal Daqui. 2019. Dissertação (Pós-graduação em comunicação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019, p.54. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG-2_daf7cd7d83788692cf64b709dfbc418e. Acesso em: 15 maio 2024

SISTEMA ANTARES DE COMUNICAÇÃO. TV Picos — canal 13. Disponível em: <https://sistemaantares.com.br/tv-picos/>. Acesso em: 13 nov. 2024

STAWSKI, Flávia Renata. Apresentadoras de telejornal: A efigie da figura feminina no telejornalismo brasileiro contemporâneo, representada por Renata Vasconcellos, Raquel Sheherazade e Paloma Tocci. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015, 156 p. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/4767>. Acesso em: 25 mar. 2024

THEODORO, Juliana. Sororidade. Significados Toda Matéria. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sororidade/>. Acesso em: 20 abr. 2025

TUZZO, Simone Antoniacci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v. 3, pág. 58-74, set./dez. 2021.

VIEIRA, Vitória Fogolin. Mulheres apresentadoras no telejornalismo brasileiro: coadjuvantes ou protagonistas?. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisagrado.edu.br/handle/handle/432>. Acesso em: 25 mar. 2024

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. Temporalis, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 271-292, 2012. DOI: 10.22422/2238-1856.2011v11n22p271-292. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em: 03 abr. 2025

Apêndice

Apêndice A – Questionário das entrevistas

Perguntas gerais:

1. A presença da mulher no jornalismo com o reconhecimento do seu trabalho tem sido uma conquista gradativa. Quais desafios você considera que enfrentou como mulher no telejornalismo para chegar onde está hoje?
2. Você acredita que os estereótipos e padrões do início do telejornalismo ainda se fazem presentes hoje?
3. O que você considera que são suas maiores conquistas dentro do jornalismo?
4. Você já sentiu sua voz silenciada ou desvalorizada em alguma situação no seu local de trabalho? Se sim, como reagiu? Obteve o apoio dos colegas?
5. Você já se sentiu em perigo em alguma situação no telejornalismo?
6. Como você percebe a presença feminina no telejornalismo picoense ao longo dos anos? As mulheres já ocupam mais espaço e têm seus direitos reconhecidos?
7. Você considera que a mulher possui habilidades que fazem com que a sua performance no telejornalismo se diferencie do trabalho realizado por homens? Se sim, em que situações você percebe?
8. A emissora que você trabalha contribui ou dificulta a ascensão das mulheres na carreira?
9. Como você avalia a diversidade no telejornalismo picoense, não apenas em termos de gênero, mas também de raça, classe e outras questões sociais?
10. Que conselhos daria para mulheres que estão começando a graduação ou na carreira de jornalismo?

Perguntas específicas:

1. Acredita que por vir de uma comunidade quilombola pode representar ou incentivar outras mulheres da sua comunidade a seguirem no jornalismo e/ou telejornalismo?
2. Que papel você acredita que as editoras-chefes têm na promoção da diversidade nas pautas?
3. Qual impacto você avalia que tem para uma equipe ao ter uma mulher na chefia de edição? Já enfrentou resistência?
4. Acredita que sua identidade como mulher, acadêmica, jornalista já influenciou a forma como suas reportagens são recebidas?
5. Você já desenvolveu diversas funções dentro do jornalismo e do telejornalismo, sendo elas nas mesmas emissoras, foi por experiência ou obrigações?
6. Ser uma profissional do jornalismo e ainda ser mãe exige maestria para administrar a vida. A sua dupla jornada faz com que veja ou execute ambas funções com outros olhos?
7. Considerando sua experiência no jornalismo impresso e agora no telejornalismo, como vê os desafios, conquistas e desenvoltura das mulheres jornalistas nessas áreas. Percebe que há diferenças entre a área de atuação?

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO (PICOS)
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM
JORNALISMO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE: A PRESENÇA FEMININA NO TELEJORNALISMO PICOENSE”. O trabalho será realizado pela aluna Paloma Aparecida Machado de Sousa, estudante do curso de Bacharelado em Jornalismo, e sob orientação da professora Thamyres Sousa de Oliveira, ambas da Universidade Estadual do Piauí, campus Barros Araújo (Picos). O objetivo geral deste estudo é: compreender a presença da mulher jornalista no telejornalismo de Picos, considerando as trajetórias, desafios, contribuições e conquistas. Os específicos são: comparar, de forma qualitativa, a presença de mulheres em diferentes papéis do telejornalismo nas emissoras picoenses, TV Picos e TV Cidade Verde Picos, levando em consideração os anos de atuação da emissora; compreender como estas mulheres jornalistas conciliam suas carreiras no telejornalismo, demandas e desafios da vida pessoal e levantar conquistas e contribuições da mulher jornalista no telejornalismo picoense.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em entrevistas semiestruturadas. Garanto que não haverá prejuízos à entrevistada, pois prezaremos pelo anonimato das participantes, e os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Os possíveis riscos e desconfortos relacionados à sua participação incluem: invasão de privacidade; relatar questões sensíveis; revelar algo que talvez não tenha sido exposto antes; e o uso de seu tempo para responder à entrevista. Caso algum desses riscos ou desconfortos ocorra, tomaremos as devidas providências para minimizá-los, como garantir um local reservado para as entrevistas e respeitar o tempo e o momento da entrevistada, além de evitar perguntas que possam ser constrangedoras.

A sua participação contribuirá para a compreensão das experiências, desafios e avanços das mulheres em posições no telejornalismo na cidade de Picos, Piauí. Garantimos o sigilo dos dados de identificação, priorizando a privacidade e o anonimato – os nomes utilizados serão fictícios para evitar qualquer prejuízo ou dano às entrevistadas. Como responsável, me comprometo a oferecer qualquer assistência necessária às envolvidas. Todos os dados e documentos da pesquisa serão mantidos sob nossa guarda por 5 anos e, após esse

período, serão destruídos. Os dados obtidos não serão usados para outros fins além dos previstos neste documento.

Você tem a liberdade de decidir participar da pesquisa e pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de justificar sua decisão aos pesquisadores. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será rubricado em todas as páginas e assinado em duas vias, permanecendo uma com você e a outra comigo. A seguir, você tem acesso ao endereço, telefone e e-mail institucional do pesquisador responsável, podendo esclarecer quaisquer dúvidas sobre o projeto a qualquer momento ao longo da pesquisa.

Nome do pesquisador responsável: Paloma Aparecida Machado de Sousa

Endereço: BR 316 Km 299, Bairro Altamira. CEP: 64.600 – 000

Telefone do pesquisador responsável: (89) 98119-1534

E-mail institucional do pesquisador responsável: pamdesousa@aluno.uespi.br

Caso surjam dúvidas sobre a pesquisa a entrevistada poderá entrar em contato com a orientadora responsável, segue contato abaixo:

Telefone da orientadora: (86) 99465-2184

E-mail institucional da orientadora: thamyressousa@pes.uespi.br

Assinatura da aluna responsável

Local e data

Declaro que li o TCLE: concordo com o que me foi exposto e aceito participar da pesquisa proposta.

Assinatura do participante da pesquisa